

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

MARIA AUXILIADORA DE MIRANDA MARQUES DA SILVA

**ITINERÁRIO METODOLÓGICO DE FORMAÇÃO CATEQUÉTICA À LUZ DO
PROCESSO CATEQUÉTICO DE JESUS**

São Leopoldo

2018

MARIA AUXILIADORA DE MIRANDA MARQUES DA SILVA

**ITINERÁRIO METODOLÓGICO DE FORMAÇÃO CATEQUÉTICA À LUZ DO
PROCESSO CATEQUÉTICO DE JESUS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586i Silva, Maria Auxiliadora de Miranda Marques da
Itinerário metodológico de formação catequética à luz do
processo catequético de Jesus / Maria Auxiliadora de
Miranda Marques da Silva; orientadora Laude Erandi
Brandenburg. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.
77 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2018.

1. Catequistas. 2. Ensino Religioso. 3. Fé. 4. Fé – Aspectos
religiosos. 5. Fé – Desenvolvimento. 6. Jesus Cristo – Métodos
evangelísticos. 7. Catequese. I. Brandenburg, Laude Erandi,
orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARIA AUXILIADORA DE MIRANDA MARQUES DA SILVA

**ITINERÁRIO METODOLÓGICO DE FORMAÇÃO CATEQUÉTICA À LUZ DO
PROCESSO CATEQUÉTICO DE JESUS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Data de Aprovação:

Laude Erandi Brandenburg – Doutora em Teologia – Faculdades EST

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Vanildo Zugno – Doutor em Teologia – ESTEF

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, dou graças ao meu Deus e Pai, por todos os cuidados que ao longo de minha história Ele tem realizado em minha vida, nestes dois anos de estudo acadêmico não foi diferente. A Ele toda honra e toda glória para sempre!

Agradeço ao meu esposo, Edilson Marques da Silva Miranda, que esteve presente nos primeiros passos deste mestrado e que ao perceber meu crescimento, ficou cuidando da casa de forma que minha ausência não fosse notada. A ele meu muito obrigada!

À Regina de Souza Marcelino, pessoa cuja explicação me escapa. Humanamente, não há com que compará-la: sem me conhecer abriu sua casa e me acolheu como parte integrante de sua vida; dividiu comigo seus amigos, sua história, crença e cuidados. A este ser que personificou a própria bondade de Deus durante estes dois anos, o meu profundo agradecimento.

À Maria do Carmo do Nascimento, amiga e exemplo de doação, que assumiu meus compromissos docentes para que eu pudesse me dedicar de corpo e alma aos estudos. Muito obrigada!

A todos que visível ou invisivelmente contribuíram para que este período fosse um momento de conquista e crescimento...gratidão!

RESUMO

O presente trabalho final de mestrado profissional tem como objetivo averiguar através da apresentação dos documentos conciliares referentes à catequese e outras bibliografias, em que medida a catequese consegue exercer seu papel transformador, frente aos novos paradigmas que sustentam a sociedade atual. O trabalho está dividido em três capítulos, da seguinte maneira: no primeiro capítulo será feita uma breve retrospectiva histórica da catequese na Igreja, detém-se em analisá-la nos diversos documentos conciliares e no seu impacto posterior até nossos dias. No segundo capítulo, serão feitas considerações acerca da catequese como educação da fé. Tendo como foco seu principal agente: o catequista. Desta maneira destacaremos sua pessoa e sua formação permanente, atendendo às dimensões fundamentais do seu ser, saber, saber fazer e saber conviver. O terceiro e último capítulo, em resposta aos desafios da evangelização hoje, principalmente na transmissão da fé cristã e com o intuito de elaborar subsídio de formação pastoral, com inspiração catecumenal, apresentará um itinerário metodológico, tendo como modelo o processo catequético utilizado por Jesus, na abordagem feita aos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35) e a Samaritana (Jo 4, 5-42). E ainda, a reflexão do texto-base da Terceira Semana Brasileira de Catequese, realizada em Indaiatuba (SP), de 07 a 12 de outubro de 2009; com o tema: “Catequese, caminho para o discipulado”; o documento 105 - , o “Ano do Laicato”, com o tema: “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na ‘Igreja em saída’, a serviço do Reino”; o documento 107- Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários e nas exortações pastorais do Papa Francisco; que através de seu livro intitulado *Saiam em busca de corações – Mensagens aos catequistas e aos peregrinos* – incentiva a nova geração a espalhar a sabedoria divina de Deus pelo mundo.

Palavras-chave: Educação da fé. Catequista. Discípulos missionários.

ABSTRACT

The present work of the professional master's degree aims to ascertain through the presentation of the conciliar documents referring to catechesis and other bibliographies, to what extent catechesis can play its transforming role, in the face of the new paradigms that sustain the current society. The work is divided into three chapters, as follows: in the first chapter a brief historical retrospective of catechesis in the Church will be done, analyzed in the various conciliar documents and their subsequent impact to the present day. In the second chapter, considerations will be made about catechesis as the education of the faith. Focusing on its main agent: the catechist. In this way we will highlight your person and your permanent formation, attending to the fundamental dimensions of your being, knowing, knowing how to do and knowing how to live. The third and final chapter, in response to the challenges of evangelization today, especially in the transmission of the Christian faith and with the intention of elaborating a pastoral formation subsidy with a catechumenal inspiration, will present a methodological itinerary, modeled on the catechetical process used by Jesus, in the approach taken to the disciples at Emmaus (Luke 24, 13-35) and the Samaritan woman (Jn 4: 5-42). And also, the reflection of the base text of the Third Brazilian Week of Catechesis, held in Indaiatuba (SP), from October 7 to 12, 2009; with the theme: "Catechesis, the way to discipleship"; document 105 - "Year of the Laity", with the theme: "Lay Christians and lay people, subjects in the 'outgoing Church', in the service of the Kingdom"; the document 107 - Initiation to the Christian Life: itinerary to form missionary disciples and in the pastoral exhortations of Pope Francisco; who through his book entitled Saíam in search of hearts - Messages to catechists and pilgrims - encourages the new generation to spread the divine wisdom of God throughout the world.

Keywords: Education of the Faith. Catechist. Missionary disciples.

LISTA DE ABREVIATURAS

CR	Catequese Renovada
CT	Catequese Tradendae, Exortação Apostólica sobre a Catequese, João Paulo II
CVII	Concílio Vaticano II
CELAM	Conselho Episcopal Latino Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DGC	Diretório Geral para Catequese
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DAp	Documento de Aparecida, V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe
DGAE	Diretrizes Gerais Evangelizadora da Igreja no Brasil
EM	Evangelii Nuntiandi, Exortação Apostólica sobre a evangelização, Paulo VI
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
LG	Lumen Gentium , Constituição Dogmática sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II
GS	Gaudium et Spes, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, Concílio Vaticano II
EG	Evangelii Gaudium, Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Papa Francisco
YOUCAT	Youth Catechism) - Catecismo Jovem da Igreja Católica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 A CATEQUESE NO BRASIL: PERÍODO COLONIAL.....	23
2.1 PASTORAL COMPROMETIDA NO REGIME COLONIAL DE EVANGELIZAÇÃO.	23
2.2 A CATEQUESE NA REFORMA DOS ESTUDOS	26
2.3 AÇÃO CATÓLICA E CATEQUESE.....	28
2.4 A CATEQUESE SOB O IMPACTO DO VATICANO II (1962-1965).....	29
2.5 DIRETÓRIO CATEQUÉTICO GERAL – CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – 1971	30
2.6 RICA – RITUAL PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS – 1972.....	30
2.7 EVANGELII NUNTIANDI – A EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO DE HOJE – 1975	31
2.8 SÍNODO DOS BISPOS – 1977	32
2.9 CATECHESI TRADENDAE – A CATEQUESE HOJE - EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II – 1979	32
2.10 CATEQUESE RENOVADA – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1983	33
2.11 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA – 1992; 1997.....	34
2.12 DIRETÓRIO GERAL PARA A CATEQUESE – CONGREGAÇÃO PARA O CLERO– 1997.....	34
2.13 DIRETÓRIO NACIONAL DE CATEQUESE – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – 2005.	35
2.14 DOCUMENTO DE APARECIDA – V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE – 2007.....	35
2.16 CATEQUESE, CAMINHO PARA O DISCIPULADO E A MISSÃO	36
2.17 A ALEGRIA DE INICIAR DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS NA MUDANÇA DE ÉPOCA	36
2.18 INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ – ITINERÁRIO PARA FORMAR DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS.....	36

3 CATEQUESE : EDUCAÇÃO DA FÉ	37
3.1 A CATEQUESE NA MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA.....	39
3.2 CATEQUESE: MENSAGEM E CONTEÚDO	40
3.3 NATUREZA DA CATEQUESE.....	43
3.4 FINALIDADE DA CATEQUESE.....	44
3.5 CATEQUISTA: DISCÍPULO-MISSIONÁRIO.....	45
3.6 A FORMAÇÃO DO CATEQUISTA.....	46
3.6.1 As dimensões da formação do catequista	48
3.6.1.1 O ser do catequista	48
3.6.1.2 O saber da pessoa catequista.....	49
3.6.1.3 O saber fazer do catequista	51
3.6.1.4 O saber conviver do catequista.....	52
4 O PROCESSO CATEQUÉTICO DE JESUS COMO MODELO DE DISCIPULADO	59
4.1 ITINERÁRIO PARA FORMAR DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS NO SEGUIMENTO DA MULHER SAMARITANA E DOS DISCÍPULOS DE EMAÚS ...	61
4.1.1 Primeiro passo: O encontro	62
4.1.2 Segundo passo: O diálogo	65
4.1.3 Terceiro passo: Conhecer Jesus	66
4.1.4 Quarto passo: O anúncio.....	67
4.1.5 Quinto passo: O testemunho	69
4.2 INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ.....	70
4.3 O DECLÍNIO DO CATECUMENATO	73
4.4 A URGÊNCIA DE UM NOVO PROCESSO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ... 74	74
4.4.1 A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã	74
5 CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que o missionário era uma pessoa que vinha de longe para ensinar verdades fundamentais da fé. Não se podia imaginar que todo cristão fosse um missionário. Atualmente, todo aquele ou aquela que professa a fé em Deus recebe a convocação ao discipulado missionário, isto é, sair ao encontro das pessoas dos que ainda não creem em Cristo no espaço de seu próprio território e responder adequadamente aos grandes problemas da sociedade.¹

Nesta sociedade sedenta por respostas aos mais variados questionamentos, o discípulo missionário, a discípula missionária presente em cada catequista precisa deixar a comodidade, sair do estancamento e da indiferença e estar apto para dar razão de sua esperança a todo aquele que a pedir.² Por isso é imperioso um caminho de formação catequética gradual e progressivo, no sentido de tornar o/a catequista o mais apto possível para realizar um ato de comunicação; desenvolver atitudes; habilidades e jeitos para comunicar a mensagem evangélica a partir de sua própria experiência de encontro³ e relação com um Deus que se revela e caminha com seu povo.

Neste sentido, o tema escolhido deste Trabalho Final de Mestrado Profissional emana da necessidade atual da Igreja de dar mais atenção ao trabalho catequético, e, mais especificamente à formação de catequistas. O termo “formação” não é o melhor para o que a Igreja pretende quando o usa para a sua reflexão e práxis relativas à sua missão específica no processo de crescimento e amadurecimento de seus membros, os fiéis. Por de trás desse termo está o perigoso sentido de “forma”, “fôrma”, “molde”, “enquadramento”, “modelo”. E, neste horizonte, a liberdade da pessoa e a sua participação no processo, como sujeito, ficam prejudicados. Entretanto, como a palavra integra o vocabulário usual, é fundamental deixar claro em que sentido ela é usada neste texto. Formação é entendida aqui como educação, que em sua origem (exdúcere) significa um processo pelo qual a pessoa, como sujeito, faz

¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e Caribe*. 13 a 31 de maio de 2007. São Paulo: Paulus, 2007. n. 168.

² cf. 1Pd 3,15

³ CELAM. *A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*. Brasília: Edições CNBB, 2015. n. 81.

desabrochar as riquezas de sua potencialidade humana que, em semente, já traz dentro de si. O educador-catequista, nesse caso, exerce a função de provocador do exercício de nascimento, crescimento e desabrochamento, isto é, como um catalisador que ajuda o educando-catequizando, a educanda-catequizanda à operar sua autoeducação e a caminhar com segurança rumo à maturidade humana e cristã.⁴

Para tanto, o trabalho está dividido em três capítulos, da seguinte maneira: no primeiro capítulo será feita uma breve retrospectiva histórica da catequese na Igreja. Detém-se em analisá-la nos diversos documentos conciliares e no seu impacto posterior até nossos dias. Serão apresentados acontecimentos, documentos e suas consequências na prática da educação da fé. As referidas apresentações justificam-se por acreditarmos que todo e toda catequista deve conhecer e estudar os principais Documentos da Igreja destinados à praxe catequética, indispensáveis para a fidelidade à mensagem de Cristo e à doutrina da Igreja.

No segundo capítulo, serão feitas considerações acerca da catequese como educação da fé. Diz o documento de Aparecida:

Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora. [...] Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer modalidade de iniciação cristã, que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço, da missão.⁵

Ainda no segundo capítulo, terão destaques: a *pessoa* catequista; sua formação permanente, atendendo às dimensões fundamentais do seu *ser, saber, saber fazer e saber conviver*. Por fim, o terceiro e último capítulo, em resposta aos desafios da evangelização hoje, principalmente na transmissão da fé cristã e com o intuito de elaborar subsídio de formação pastoral, com inspiração catecumenal, apresentará um itinerário metodológico, tendo como modelo o processo catequético utilizado por Jesus, bem como, a reflexão do texto-base da Terceira Semana Brasileira de Catequese. Realizada em Indaiatuba (SP), de 07 a 12 de outubro de 2009; com o tema: “Catequese, caminho para o discipulado”, e por lema: “Nosso coração arde quando ele fala, explica as Escrituras e parte o pão”,⁶ o documento 105 - , o “Ano do

⁴ OLIVEIRA, Vilson Dias. A formação dos catequistas. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/4333163-Dom-vilson-dias-de-oliveira-dc-bispo-diocesano-de-limeira.html>>. Acesso em: 10 nov 2017.

⁵ Cf. CELAM , 2007, n. 287 e 289.

⁶ Cf. Lc 24,32.35

Laicato”, com o tema: “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na ‘Igreja em saída’, a serviço do Reino” e o lema : “Sal da Terra e Luz do Mundo”.⁷ O documento 107- Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Aprovado da 55ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e nas exortações pastorais do papa Francisco; que através de seu livro intitulado *Saiam em busca de corações* – Mensagens aos catequistas e aos peregrinos – incentiva a nova geração a espalhar a sabedoria divina de Deus pelo mundo, algo que se faz necessário cada vez mais nos dias de hoje.

⁷ Mt 5,13-14

2 A CATEQUESE NO BRASIL: PERÍODO COLONIAL

Neste primeiro capítulo será feita uma breve retrospectiva histórica da catequese na Igreja. Certamente a História tem um papel fundamental para compreensão do passado e de sua evolução ao longo dos anos, e no que tange à catequese, esta retrospectiva facilita a compreensão do papel da mesma no contexto dos acontecimentos marcantes da vida político – econômico – social brasileira, mostrando assim os influxos que a pregação e a catequese tiveram sobre a vida das pessoas e das estruturas sociais.

Por acreditar que quem se dedica ao Ministério da Catequese deve conhecer e estudar os principais Documentos da Igreja destinados à praxe catequética, indispensáveis para a fidelidade à mensagem de Cristo e à doutrina da Igreja.⁸ Serão apresentados documentos pós-conciliares que deram impulso à missão catequizadora da Igreja até nossos dias.

2.1 PASTORAL COMPROMETIDA NO REGIME COLONIAL DE EVANGELIZAÇÃO.

Com relação ao Brasil, uma vez introduzido na história ocidental e aberto para o mundo desenvolvido daquela época pela presença e ação dos portugueses, a história do Brasil se entrelaça com a história da evangelização e da catequese. Nesse sentido, o Diretório Nacional de Catequese chama a atenção para o fato que no Brasil a base se forma com a ação dos leigos católicos colonizadores, nas famílias e aldeias e, depois, com a ação dos missionários. Relata também, que em 1532 as primeiras paróquias foram fundadas, e que de 1538 a 1541 a primeira missão formal instalou-se em Santa Catarina por obra dos franciscanos.⁹

Com Tomé de Souza, o primeiro governador geral enviado de Portugal, vinha também um grupo de missionários jesuítas em 1549, nascidos pouco antes dentro do

⁸ NOLÊTO, Flávio Pereira. A pedagogia da catequese nos documentos da Igreja e nas metodologias atuais. *Revista de Magistro de Filosofia* Ano VIII n. 16 – 2015/2. p.1. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2015/08/A-pedagogia-da-catequese-nos-documentos-da-Igreja-e-nas-metodologias.pdf>>. Acesso em: 11 de novembro de 2017

⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretório Nacional de Catequese*. 9a Edição SP: Paulinas, 2007. n..68. p. 76

espírito da Contrarreforma, e com um enorme impulso missionário. Foram eles encarregados da transmissão da fé aos indígenas isolados dos centros urbanos.¹⁰ Estes trouxeram para o Brasil o “modelo de catequese”(instituição e manuais) que vigorava na Europa e, particularmente, na península ibérica.¹¹

O frei Bernardo Cansi, destaca três características da catequese neste período: Primeiro, a **doutrinação**, período em que se ensinava a doutrina e as orações aos índios. Usava-se a memorização de fórmulas. Segundo, **a moralização**, consistia em fazer com que os índios aprendessem a viver à maneira dos portugueses e conforme a moral cristã. Deviam andar vestidos e reorganizar as famílias com uma mulher só, e aprender a trabalhar com os brancos. Terceiro, **a sacramentalização**, a catequese preparava para o batismo, casamento, missa e confissão. Deviam também abandonar os costumes de festas e enfeites, que eram vistos como práticas pagãs. Ensinavam-lhes algumas virtudes: a humildade, a paciência, a aceitação dos sofrimentos e a obediência. Eram virtudes que “amansavam” os índios, tornando-os mais “submissos” a Portugal, aos colonizadores, deixando-os prontos para serem explorados pelos ricos e donos de engenhos de cana-de-açúcar. Sem se darem conta, os missionários ajudavam a estabelecer no Brasil o sistema de explorador dos trabalhadores. Houve missionários que lutaram energeticamente contra à escravidão dos índios.¹²

Novas levas de missionários jesuítas chegaram ao Brasil nos anos seguintes, tendo no padre Antônio Vieira uma figura ímpar. Também outras ordens religiosas (franciscanos, capuchinhos, beneditinos, carmelitas, mercedários) se associaram à obra empreendida pelos jesuítas na extraordinária tarefa espiritual da formação cristã do Brasil.. Com menos intensidade, mas igual zelo apostólico, os jesuítas fizeram esforços para a evangelização dos negros, que, numa atitude anti-humana sofriam a escravidão. Entretanto, não tiveram voz suficiente para se opor à tão execrável instituição escravagista.¹³

Pode-se então afirmar que a *organização e a missão catequética* assumiram duas linhas ou dimensões a partir da chegada das outras ordens religiosas: a

¹⁰ LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 42

¹¹ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Catequese católica no Brasil: para uma história da evangelização*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p.19

¹² CANSI, Bernardo. *Vamos conhecer e amar a catequese*. Petrópolis, RJ: Vozes , 1994. p. 58.

¹³ CNBB, 2007, n. 71

dimensão da *catequese tradicional* que seguiu o “modelo europeu”, especialmente as diretrizes do Concílio Tridentino (1545-1563); e, a dimensão da *catequese missionária* que buscou pistas novas para a evangelização que dessem possíveis respostas às necessidades inéditas que estavam surgindo.¹⁴ Estavam muito atentos àquilo que hoje chamamos de *promoção humana e social* do indígena dentro de um contexto hostil e avesso a um tipo de atividade desse gênero.¹⁵ Para Lustosa, este período se tornara um espaço de experiências históricas e originais da luta pela justiça e pela liberdade.¹⁶

Mais tarde, as ideias que transformavam a Europa no século XVIII tiveram repercussão no Brasil, sobretudo o Iluminismo, os ideais da Revolução Francesa, o Mercantilismo e o Despotismo Esclarecido. Este último movimento teve influência no Brasil através do Marquês de Pombal (1699-1782). Suas medidas políticas afetaram a ação da Igreja, por causa da expulsão dos jesuítas (1759) e pela imposição do catecismo jansenista, que favorecia seus intentos de enfraquecer a Igreja.¹⁷ Em termos de *catequese*, o afastamento dos inicianos dos colégios e aldeamentos criava impasses graves e insolúveis para a continuidade da doutrinação cristã. Não é que não houvesse da parte do governo da Metrópole e seus representantes no Brasil o interesse em dar substitutos aos padres; mas como fazer, se eram poucos os leigos capacitados para reger as “escolas de ler e aprender” e de doutrina cristã e se os religiosos não eram bem vistos no esquema da tática governamental, uma vez que não eram confiáveis, quando se tratava do processo de “secularização das instituições escolares”? A *catequese* sofria, assim, com a expulsão dos jesuítas, um golpe profundo em *quantidade* (redução de mestres e de escolas) e em *qualidade* (deterioração na habilidade de professores).¹⁸

A *catequese oficial*, que entrou em crise, encontrou formas supletivas na *catequese popular*. Esta se caracterizava pela simplicidade, pelo conhecimento do essencial da fé, pela prática de um catolicismo despojado de fórmulas e de gosto popular, pela austeridade nas normas fundamentais, e pelo grande número de devoções com forte confiança na mediação dos santos, Ao mesmo tempo, porém, o

¹⁴ LUSTOSA, 1992, p.20.

¹⁵ LIMA,2016, p. 43

¹⁶ LUSTOSA, 1992, p.20.

¹⁷ CNBB,2007, n. 72

¹⁸ LUSTOSA, 1992, p.61-62

sincretismo religioso, numa mistura de elementos da religião indígena, africana e do catolicismo, foi-se firmando.¹⁹

No entanto, na questão do ensino (escolas de ler e escrever) e na doutrinação cristã, aparecem os mestres. Escolas leigas se tornaram responsáveis pela transmissão da mensagem evangélica. E, nos aldeamentos, agora transformados em povoados ou vilas, o cura de almas ou o pároco assumia o comando da prática catequética. Porém, a falta de capacitação de mestres-escola para exercerem a função de catequistas, a sobrecarga de obrigações para os párocos em matéria de doutrinação cristã em vista da ineficiência e carência da catequese escolar, são pontos ou elementos que ajudam a perceber a lenta inclinação da decadência da *catequese tradicional e missionária*. Claro está que esse fenômeno deve ser analisado dentro da conjuntura maior que é a desintegração do sistema colonial português, após as grandes tentativas de recuperação socioeconômica, cultural e política do plano do Marquês de Pombal. O processo de desagregação do regime colonial leva, de roldão, o programa de pastoral, que desde o início do descobrimento do Brasil está organicamente vinculado ao projeto econômico–comercial lusitano.²⁰

2.2 A CATEQUESE NA REFORMA DOS ESTUDOS

A transferência da família real, em 1808, coincidiu com a reforma católica, no Brasil.²¹ A catequese dava, então, prioridade ao ensino da doutrina cristã. As cartas pastorais dos bispos e os catecismos alimentaram o movimento catequético, que recebeu um incremento a partir de 1840, quando a Igreja no Brasil assumiu as orientações do Concílio de Trento. Os novos textos pretendiam substituir o catecismo jansenista. A proliferação de manuais catequéticos diocesanos, durante o Império, preparou o terreno para um texto único no início do século XX.²² Neste período, deve-

¹⁹ CNBB, 2007, n. 73

²⁰ LUSTOSA, 1992, p.67

²¹ Podem ser citados como bispos “reformadores”: Dom Romualdo de Souza Coelho e Dom Macedo Costa (Pará), Dom Antônio Viçoso (Mariana), Dom Joaquim Manoel da Silveira (Maranhão), Dom Antônio Joaquim de Melo (São Paulo), Dom Pedro Maria de Lacerda (Rio de Janeiro) e outros. Alguns autores chamam tal reforma de romanização, pois a finalidade principal dos bispos reformadores era implantar no Brasil o espírito da reforma tridentina, superando o tradicional catolicismo português ainda de raiz medieval. In CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. 9a Edição SP: Paulinas, 2007, p. 79.

²² CNBB, 2007, n. 74.

se acrescentar também a intensa obra de pregação missionária, que nos ambientes populares mantinham a fé dos cristãos.

No final do século XIX e início do XX realizaram-se esforços de articulação pastoral. Marcante foi o Concílio Plenário Latino Americano (1899), em Roma, convocado pelo Papa Leão XIII. Esse evento teve efeitos no Brasil. Dom Antônio Macedo Costa conseguiu, pela primeira vez no Brasil, reunir o episcopado (março de 1890): as dioceses eram poucas. No final do encontro foi promulgada a *Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro*.²³

A tendência de *romanização* teve seu auge no Concílio Plenário Latino-americano em 1899, convocado por Leão XIII.²⁴ As determinações do Concílio podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: a obrigação estrita e rigorosa que pesa sobre os “pastores” (bispos e padres) acerca do ensino da religião; a *catequese* não pode ficar confinada só às cidades (pastoral urbana), mas deve abranger também o campo (pastoral rural); como textos, devem ser preferidos e servir de guia o *Catecismo romano* e a *Doutrina cristã* do cardeal Roberto Belarmino.²⁵

Em 1905, o Papa Pio X publicou a Encíclica *Acerbo Nimis* sobre a catequese.²⁶ A *Acerbo Nimis* trazia duas vertentes importantes: a palavra do papa, relembrando e destacando a necessidade primeira da catequese e a convocação do clero e dos fiéis para a ação catequética.²⁷ Além disso, nas orientações da *Acerbo Nimis* havia um apelo para que a fé fosse professada no dia-a-dia, estendendo-a para os adultos, jovens e crianças, assumindo um caráter de fato educativo permanente. Sob o impulso de Pio X as pessoas leigas foram mais valorizados na catequese, abrindo assim espaço para a Ação Católica. A falta de clero obrigou bispos e padres a recorrerem cada vez mais aos leigos.²⁸ A convocação destes acontece de forma articulada e promocional. Os leigos são chamados como auxiliares, para levar à frente a programação catequética. Os párocos procuram aproveitar os católicos que formam parte das diversas associações existentes (Apostolado da Oração, Vicentinos, Filhas de Maria e outras). Mas a mobilização é mais ampla, uma vez que os vigários, como

²³ _____, 2007, n. 76.

²⁴ LIMA, 2016, p.53

²⁵ LUSTOSA, 1992, p.81

²⁶ CNBB, 2007, n. 78

²⁷ LUSTOSA, 1992, p.85

²⁸ CNBB, 2007, n. 78

responsáveis da catequese, devem recrutar os elementos capacitados e prepará-los para essa missão na igreja.²⁹

2.3 AÇÃO CATÓLICA E CATEQUESE

Apesar desses avanços, o episcopado alertava sobre a ignorância religiosa no meio da população. Entretanto, o progresso das ciências pedagógicas e a evolução do movimento catequético europeu nas décadas de 1920 e 1930 mostraram as fraquezas do catecismo doutrinal. Então, a primeira renovação significativa da catequese veio pela Ação Católica, sob o pontificado de Pio XI, com repercussões que perduram até hoje.³⁰ Seus cursos de cultura religiosa primavam pelo aprofundamento da fé, fugindo, contudo, daquele *nacionalismo* que caracterizava a catequese tradicional como doutrina. Leigos bem formados pela *Ação Católica* assumiam a vocação de catequista, alterando um pouco o monopólio da catequese por parte do clero. Eles descobriam e viviam sua vocação cristã como leigos marcando uma presença muito grande de um modo especial na catequese.³¹

Com a *Ação Católica* a catequese enriqueceu-se com um valioso instrumento metodológico: a maneira de proceder através da trilogia *ver, julgar e agir*. Hoje o DNC, n. 157-162 propõe a terminologia: “*ver- iluminar- agir*”, acrescentando o *celebrar* e o *rever*.³² Ela enriqueceu sobremaneira a catequese com o estudo de temas sociais, com o valioso instrumento metodológico conhecido pela trilogia *ver, julgar*³³ e *agir*, que se tornou, depois, metodologia de toda a pastoral. Entretanto, o avançado pensamento social cristão, que permeava a *Ação Católica* e que influenciou a militância católica, não conseguiu mudar muito o conteúdo doutrinal da catequese tradicional.³⁴ Como instrumento para a formação dos catequistas, a *Ação Católica* começou a editar a *Revista Catequética*, anunciada durante a II Semana Nacional de Assistentes Eclesiásticos da *Ação Católica* de janeiro de 1949. Foi a primeira publicação periódica de âmbito nacional no Brasil a se dedicar exclusivamente à

²⁹ LUSTOSA, 1992, p.86

³⁰ CNBB,2007, n. 79.

³¹ LIMA,2016, p. 58

³² _____,2016, p. 59

³³ Hoje se prefere usar o verbo “iluminar” (cf. n. 157-159)

³⁴ CNBB,2007, n. 79.

catequese. Outras publicações menores começaram a ser editadas tendo como tema central a catequese.³⁵

2.4 A CATEQUESE SOB O IMPACTO DO VATICANO II (1962-1965)

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), foi convocado e aberto pelo Papa João XXIII e concluído pelo Papa Paulo VI. Com ele, a Igreja no Brasil renovou-se significativamente, animada, entre outras coisas, pelos planos de pastoral, diretrizes e documentos. Sob o influxo da VI Semana Internacional de Catequese e da II Conferência Geral do Episcopado da América Latina, ambas em Medellín (1968), a catequese tomou novos rumos à luz de uma eclesiologia e cristologia mais voltadas para a situação difícil vivida pelo povo. Nascia ali um novo modelo de catequese que, para melhor encarnar a doutrina, acentuava também a dimensão situacional, transformadora ou libertadora.³⁶ Os documentos do Concílio estão na base de toda a renovação da catequese. Neles, a Igreja aborda a catequese como missão primordial, tendo por base o espírito de Cristo e do Evangelho. A catequese é declarada pelo Concílio como o primeiro entre os meios pedagógicos da Igreja; e deve ser uma catequese bíblica, litúrgica e ecumênica, aberta aos problemas missionários. O Concílio propôs também a criação de centros catequéticos e a elaboração de um diretório catequético.³⁷ As conquistas catequéticas pós-conciliares, estimuladas pelo Diretório Catequético Geral (DCG, 1971), pelo RICA – Ritual para a Iniciação Cristã de Adultos – 1972; pela Carta Apostólica de Paulo VI Evangelii Nuntiandi (EN, 1975), pelo Sínodo dos bispos – 1977; pela Exortação Apostólica Catechesi Tradendae (CT, 1979). No Brasil, foi de especial importância o texto da CNBB Catequese Renovada: orientações e conteúdo (CR,1983); seguida pelo Catecismo da Igreja Católica – (CIC,1992-1997); pelo Diretório Geral para a Catequese (DGC, 1997); Diretório Nacional de Catequese (DNC, 2005); pelo Documento de Aparecida (DAp, 2007); pelo Catecismo Jovem da Igreja Católica (YOUCAT, 2011) ,até as recentes publicações: Catequese, Caminho para o Discipulado e a Missão (2009), A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época (2015), Iniciação à vida cristã – itinerário para formar discípulos missionários (2017).

³⁵ LIMA,2016, p.59

³⁶ CNBB,2007, n.10

³⁷ NOLÊTO, 2015, p.1

2.5 DIRETÓRIO CATEQUÉTICO GERAL – CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – 1971

Em obediência ao mandato conciliar que prescreveu a redação de um Diretório para a instrução catequética do povo, no dia 11 de abril de 1971, o Papa Paulo VI aprova e promulga o Diretório Catequético Geral. Este diretório ajudou muito a Igreja no caminho de renovação da catequese quanto aos conteúdos, à pedagogia e aos métodos empregados. Na introdução do DCG, se lê:

Este *Diretório* tem como escopo fornecer os princípios fundamentais teológico-pastorais tirados do magistério eclesial e de maneira particular do Concílio Ecumênico Vaticano II, para que, por ele, mais adequadamente se possa dirigir e organizar a ação pastoral do ministério da Palavra [...]. Quanto à concreta aplicação dos princípios e proposições contidos nele, é propriamente competência específica dos diversos episcopados.³⁸

Desse DCG surge uma catequese mais eclesial, comunitária, cristocêntrica, experiencial, antropológica, conforme esta descrição: a catequese “a ação eclesial que leva as comunidades ou os fiéis individualmente considerados à maturidade da fé. Mediante a catequese, as comunidades cristãs alcançam um conhecimento mais vivo e profundo de Deus e de seu plano salvífico, que tem o centro no Verbo de Deus encarnado”.³⁹

Uma segunda edição viria em 1997, agora intitulada *Diretório Geral para a Catequese*.⁴⁰

2.6 RICA – RITUAL PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS – 1972

Um dos primeiros frutos do Concílio foi o RICA, *Ritual para a Iniciação Cristã de Adultos*, promulgado no dia 6 de janeiro de 1972, pela Congregação para o Culto Divino. Esse documento trouxe uma grande contribuição para a renovação catequética atendendo ao decreto do Concílio que determinava a restauração do período de catecumenato para os adultos como forma de resgatar uma formação cristã mais consciente e comprometida, celebrada a cada etapa pelos ritos sagrados até chegar ao Batismo.⁴¹

³⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Catequético Geral*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1971, n. 9

³⁹ _____, 1971, n. 21 a, b

⁴⁰ LIMA, 2016, p.81

⁴¹ NOLÉTO, 2015, p.2

Descreve justamente os ritos do catecumenato, mas não os conteúdos catequéticos propriamente ditos. O importante é perceber como no catecumenato a formação acontece inseparavelmente à prática da vida cristã.⁴² O Ritual apresenta um caminho litúrgico-sacramental e, por sua vez, indica que em cada tempo do itinerário se desenvolve criativamente o processo catequético para o crescimento e amadurecimento na fé que habilita ao sacramento. Esta proposta de itinerário está bem articulada e tem como finalidade aprofundar a fé daqueles que aceitam seguir a Jesus Cristo, e levá-lo à maturidade no seguimento e na comunidade eclesial. Os sinais litúrgicos, por obra do Espírito, tocam o coração e o ser humano mais que as palavras.⁴³ Neste sentido, os catequistas não são apenas *instrutores* (ministério da palavra, ensino, magistério), mas também são ministros da oração e da celebração da palavra de Deus: mais que *pedagogos*, são *mistagogos*, isto é, conduzem ao mistério! Portanto, a figura do catequista de iniciação hoje muda muito com relação ao tipo tradicional do “catequista professor”, que apenas *ensina*. Ele deve ser um entendido também em ritos e celebrações: deve ser um liturgo e saber usar o RICA, auxiliado pelos liturgistas!⁴⁴

2.7 EVANGELII NUNTIANDI – A EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO DE HOJE – 1975

Fruto das proposições da Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, celebrado em outubro de 1974, a exortação apostólica promulgada pelo Papa Paulo VI, *Evangelii Nuntiani*, traz um importante princípio: a catequese como ação evangelizadora no âmbito da grande missão da Igreja. A atividade catequética deverá ser considerada permanentemente partícipe das urgências e das ânsias próprias do mandato missionário para o nosso tempo.⁴⁵ É considerada um dos maiores documentos eclesiais do século XX, depois do Concílio, por ter despertado nos tempos modernos a necessidade de a Igreja retomar com muita consciência e seriedade sua missão evangelizadora, tema já amplamente tratado no Vaticano II.⁴⁶ Assim se expressa:

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: “Eis que faço novas

⁴² Cf. *Introdução*, 19

⁴³ CELAM, 2015, n.44

⁴⁴ LIMA, 2016, p.137

⁴⁵ NOLÉTO, 2015, p.2

⁴⁶ LIMA, 2016, p. 139

todas as coisas”.⁴⁷ No entanto, não haverá humanidade nova, se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do batismo⁴⁸ e da vida segundo o Evangelho.⁴⁹

Entende-se, assim, a grande importância da catequese colocando-se dentro dessa perspectiva evangelizadora, mostrando uma grande paixão pelo anúncio do Evangelho, isto é, para anunciar a Boa Notícia do Reino, proclamado e realizado em Jesus Cristo.⁵⁰

2.8 SÍNODO DOS BISPOS – 1977

Como fruto do Concílio Vaticano II, a instituição *Sínodo dos Bispos* significa uma reunião, estavelmente constituída, com representantes de todo o episcopado católico direta e imediatamente submisso ao papa, com a finalidade de participar com ele da solicitude por toda a Igreja católica. O tema da IV Assembleia Ordinária do Sínodo de 1977 não poderia ser outro senão a catequese.⁵¹ Com o tema “A catequese no nosso tempo, especialmente para as crianças e os jovens”, ele reflete sobre a renovação da catequese para as crianças e jovens. E afirma que o núcleo central de toda a catequese é o mistério de Cristo, fundamento da nossa fé e fonte da nossa vida. A catequese é proposta como “Palavra”, “Memória” e “Testemunho”. E deve ser obra corresponsável de toda a comunidade cristã.⁵²

2.9 CATECHESI TRADENDAE – A CATEQUESE HOJE - EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II – 1979

O terceiro documento, fruto do pós-Concílio a partir da Sé Apostólica, é resultado do Sínodo de 1977, ou seja, a *Catechesi Tradendae* [A catequese que deve ser transmitida]. O bem-aventurado Paulo VI iniciou e avançou bastante em sua redação, e veio a falecer; seu sucessor, João Paulo I, levou quase à conclusão esse escrito pós-sinodal e também veio a falecer após 33 dias de pontificado. O novo papa São João Paulo II, retomou tudo do princípio e reescreveu-a, mantendo, sim, o

⁴⁷ Ap 21, 5; 2Cor 5, 17; Gl 6,15

⁴⁸ Rm 6, 4

⁴⁹ PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi* : exortação apostólica pós-sinodal. São Paulo: Paulinas, 1975. p.24

⁵⁰ CNBB,,2007, n. 30

⁵¹ LIMA,2016, p. 138-139

⁵² NOLÉTO, 2015, p.2

conteúdo do Sínodo, também porque dele participara ativamente, mas imprimindo-lhe um caráter bem pessoal.⁵³ Ele diz:

Desejo que esta exortação apostólica corrobore a solidez da fé e da vida cristã, dê novo vigor às iniciativas que estão sendo postas em prática, estimule a criatividade e contribua para difundir nas comunidades a alegria de levar ao mundo o mistério de Cristo.⁵⁴

Catechesi Tradendae é um dos primeiros documentos em que aparece mais explicitado o conceito de “comunhão” que nas décadas seguintes dominará todo mundo da evangelização e da catequese.⁵⁵

2.10 CATEQUESE RENOVADA – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1983

O documento 26 da CNBB, *Catequese Renovada – orientações e conteúdo*, de abril de 1983 (CR), afirma que:

A renovação atual da catequese nasceu para responder aos desafios de uma nova situação histórica. Esta exige a formação de uma comunidade cristã missionária que anuncie, na sua autenticidade, o Evangelho e o torne fermento de comunhão e participação na sociedade e de libertação integral do homem.⁵⁶

Sem dúvida nenhuma, o documento que mais recebe influxo da Teologia da Libertação, em sua vertente mais moderada, uma vez que era assumida não por um ou outro teólogo nem por uma ou outra escola, mas, em sua maioria, pelo próprio episcopado brasileiro. Longamente gestado num fecundo processo de participação pelas forças catequéticas no Brasil, foi discutido em todos os setores e chegou realmente a provocar um significativo movimento de entusiasmo ao redor da catequese. Ele foi pensado, gestado, escrito e vivido sob o clima da Teologia da Libertação, num dos seus momentos de maior vigor.⁵⁷

⁵³ LIMA,2016, p.142

⁵⁴ JOÃO PAULO II. *Catechesi Tradendae*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html>. Acesso em: 14 de nov 2017. p. 4.

⁵⁵ LIMA,2016, p. 143

⁵⁶ CNBB. *Catequese Renovada*. São Paulo: Paulinas, 1983. n. 30

⁵⁷ LIMA,2016, p. 128

2.11 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA – 1992; 1997

Em 1992, o Papa João Paulo II promulga o novo Catecismo da Igreja. No prólogo do Catecismo se diz:

O presente catecismo tem por objetivo apresentar uma exposição orgânica e sintética dos conteúdos essenciais da doutrina católica tanto sobre a fé como sobre a moral à luz do Concílio Vaticano II e do conjunto da Tradição da Igreja. Suas fontes principais são a Sagrada Escritura, os Santos Padres, a Liturgia e o magistério da Igreja. O presente catecismo é destinado principalmente aos responsáveis pela catequese [...].⁵⁸

O *Catecismo da Igreja Católica* é um típico produto do longo pontificado de São João Paulo II e, ao mesmo tempo, um dos maiores frutos do Concílio. O gênero literário *catecismo* é próprio do cristianismo: um texto que procura sintetizar a doutrina cristã em suas principais dimensões. Em geral era e é usado para designar pequenos textos orientados para a educação da fé de crianças. Jovens e adultos. Porém, passou a significar também um texto mais desenvolvido e abrangente, que ABORDA, EM PROFUNDIDADE, A ESSÊNCIA DA FÉ CRISTÃ.⁵⁹

2.12 DIRETÓRIO GERAL PARA A CATEQUESE – CONGREGAÇÃO PARA O CLERO– 1997

Este novo diretório acolheu as indicações propostas pela *Evangelii Nuntiandi*, a *Catechesi Tradendae* e também pelo *Catecismo da Igreja Católica*. Ele se divide em uma exposição introdutória que fala sobre o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo, outras cinco partes centrais e a conclusão. A parte central se divide da seguinte forma: A catequese na missão evangelizadora da Igreja; A mensagem evangélica; A pedagogia da fé; Os destinatários da catequese; A catequese na Igreja particular.

Este novo diretório oferece reflexões e princípios teológico-pastorais fundamentais, inspirados no Concílio Vaticano II e no Magistério da Igreja, para levar à correta compreensão da natureza e dos fins da catequese, bem como das verdades e dos valores que devem ser transmitidos.⁶⁰

⁵⁸ JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. 11a edição. São Paulo: Edições Loyola, 2001. n. 11-12

⁵⁹ LIMA, 2016, p.145

⁶⁰ NOLÉTO, 2015, p.4

2.13 DIRETÓRIO NACIONAL DE CATEQUESE – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – 2005.

O Diretório Nacional de Catequese (DNC) foi solicitado pela Sé Apostólica à Conferência Episcopal por meio do Diretório Geral para a Catequese (DGC), em 1997. Ele surge num momento importante em nossa Igreja. Primeiramente, como confirmação dos acertos na caminhada de renovação da catequese, desde o Concílio Vaticano II (1965), mas, especialmente, desde o Documento Catequese Renovada, Orientações e Conteúdo (CR), de 1983. Ele representa um impulso para novos e significativos passos, principalmente rumo a um maior aprofundamento e criatividade na própria ação catequética.⁶¹

O objetivo geral do Diretório Nacional de Catequese é apresentar a natureza e finalidade da catequese, traçar os critérios de ação catequética, orientar, coordenar e estimular a atividade catequética nas diversas regiões. Ele pretende delinear uma catequese litúrgica, bíblica, vivencial, profundamente ligada à mística evangélico-missionária, mais participativa e comunitária.⁶²

2.14 DOCUMENTO DE APARECIDA – V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE – 2007

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribe, realizada em Aparecida de 13 a 31 de maio de 2007, foi um dos acontecimentos mais significativos da Igreja no pós- Concílio para o nosso Continente. As primeiras notícias sobre Aparecida, ainda em meados de 2003, davam conta de que o tema seria a *Iniciação Cristã*. Posteriormente, com o andamento de sua preparação o tema evoluiu para “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nEle todos tenham vida”. Porém, tanto um tema como o outro, desde o início, apontavam claramente para uma inspiração eminentemente catequética da V Conferência! Suscitar e educar discípulos missionários de Jesus é missão específica da catequese dentro da Igreja.⁶³

2.15 Catecismo Jovem da Igreja Católica – YOUCAT - 2011

⁶¹ CNBB, *Diretório Nacional de Catequese*. 9a Edição SP: Paulinas, 2005, p. 7

⁶² NOLÉTO, 2015, p.4

⁶³ LIMA,2016, p.2018

Chamado também de Youcat (abreviação de Youth Catechism), o Catecismo Jovem da Igreja Católica, foi lançado mundialmente no dia 13 de Abril de 2011, em 10 línguas diferentes, num evento que teve a participação de Bento XVI.

A obra tem a mesma proposta do “Catecismo da Igreja Católica”, sendo a linguagem e o projeto gráfico seu maior diferencial. Estruturado em perguntas e respostas, o livro é dividido em quatro partes: Em que Cremos?, Como Celebramos?, A Vida em Cristo e Como Devemos Orar?

Foi examinado pela Congregação para a Doutrina da Fé e goza do apoio da Congregação para o Clero e do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização

2.16 CATEQUESE, CAMINHO PARA O DISCIPULADO E A MISSÃO

Ano catequético Nacional CNBB 2009. O livro é uma contribuição de suma importância para o nosso grande mutirão catequético, centrado na iniciação cristã e no discipulado missionário, à luz do itinerário dos discípulos de Emaús: Lc 24, 13-35.

2.17 A ALEGRIA DE INICIAR DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS NA MUDANÇA DE ÉPOCA

Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) – 2015. Foi elaborado pela equipe de reflexão e outros assessores da Seção de Catequese do Departamento de Missão e Espiritualidade do CELAM. O documento é um texto breve, denso e provocativo. O texto possui três partes: contemplar, discernir e propor. São palavras significativas que renovam o antigo esquema *ver – julgar- agir*.

2.18 INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ – ITINERÁRIO PARA FORMAR DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – 2017. O documento lembra que “a iniciação cristã significa imersão em uma nova realidade. Essa realidade nova e inesperada à qual ela introduz é o mistério de Cristo Jesus em sua paixão , morte , ressurreição, ascensão, envio do Espírito Santo e retorno glorioso

(dimensão cristológica). O mistério de Cristo, entre a ascensão e a parusia, é constituído pela missão do Espírito que o Senhor glorioso envia do Pai sobre a sua comunidade".⁶⁴

⁶⁴ CNBB. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Documentos da CNBB 107. Brasília: Edições CNBB, 2017, n.88.

3 CATEQUESE : EDUCAÇÃO DA FÉ

O segundo capítulo deste trabalho fará uma abordagem mais explícita da catequese, começando pela apresentação de alguns significados de sua terminologia; posteriormente, será analisada a expressão “educação da fé” dentro do contexto de evangelização; bem como sua mensagem, conteúdo, natureza e finalidade. Ainda neste capítulo será dado destaque para o/a catequista como discípulo missionário e sua formação.

Isto posto, passamos a apresentação do termo *catequese*. Em sua origem, o termo *catequese* se liga a um verbo que significa fazer *ecoar* e *repercutir* (*Katechein*). Alberich, faz referência aos termos tradicionais que se reduzem ao verbo “*katechein*” e que constituem a família terminológica mais clássica na tradição da Igreja: *catequese* [catequética, catequizando, catequético,⁶⁵ catecismo]. São os termos mais apropriados e mais fundamentados na tradição para indicar o conjunto e as modalidades da função catequética na Igreja. *Catecismo*, no sentido de forma organizada de catequese, especialmente para as crianças. *Catecumenato*, são termos que devem a sua origem à antiga instituição da aprendizagem da fé e da vida cristã em vista do batismo e da inserção na Igreja.⁶⁶

Uma vez expostos alguns significados da terminologia ligada à catequese, passa-se a abordar a atenção para a expressão “educação da fé”, aplicada à catequese. Segundo Alberich, esta expressão só se pode aplicar *em sentido secundário e instrumental*, isto é, no âmbito das mediações humanas que podem facilitar, ajudar, evitar obstáculos, etc., no processo do despertar e do crescimento da atitude de fé, que permanece sempre ligada à ação gratuita de Deus e à livre resposta do ser humano. Para o autor, a catequese precisa ter consciência de suas limitações e de suas possibilidades, como mediação educativa puramente *instrumental e dispositiva*, a serviço do encontro infável das pessoas com a proposta interpeladora de Deus. Porém, mesmo considerando suas limitações, é reivindicado à catequese a sua *natureza genuinamente educativa*, que deve ser estímulo, auxílio, intervenção intencional em vista de um *crescimento pessoal, livre, interiorizado*, a serviço de um

⁶⁵ Por si mesmo, o adjetivo “catequético” se refere tanto à ação da catequese, quanto à *reflexão científica* sobre a catequese.

⁶⁶ ALBERICH, Emílio. *A catequese na Igreja de hoje*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983. p.48

válido projeto existencial, aberto aos valores e capaz de discernimento crítico. A sensibilidade e a capacidade educativa são, deste modo, inerentes tarefa da catequese. Em vista disto, a pessoa catequista precisa ter a convicção de que sua ação catequética, ela própria é graça para o desenvolvimento da fé.⁶⁷

São João Paulo II, sublinhava que “toda atividade da Igreja tem dimensão catequética”,⁶⁸ isso significa que todas as ações eclesiais – proféticas, litúrgicas, testemunhais - contribuem para amadurecer a vida cristã; são educadoras da fé. A catequese é a base da Evangelização da Igreja, e sempre foi considerada pela Igreja como uma das suas tarefas primordiais, porque Cristo ressuscitado, antes de voltar para junto do Pai, deu aos apóstolos uma última ordem: fazer discípulos de todas as nações e ensinar-lhes a observar tudo o que Ele lhes havia mandado.⁶⁹ Deste modo lhes confiava Cristo a missão e o poder de anunciar aos homens aquilo que eles próprios tinham ouvido do Verbo da Vida, visto com os seus olhos, contemplado e tocado com as suas mãos.⁷⁰ Ao mesmo tempo, confiava-lhes ainda a missão e o poder de explicar com autoridade aquilo que Ele lhes tinha ensinado, as suas palavras e os seus atos, os seus sinais e os seus mandamentos. E dava-lhes o Espírito Santo, para realizar tal missão.

Bem depressa se começou a chamar catequese ao conjunto dos esforços empenhados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditar que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em Seu nome,⁷¹ para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo. A Igreja nunca cessou de consagrar a tudo isto as suas energias.⁷²

Segundo Alberich, a catequese, na sua função de educação da fé, não pode esquecer o aspecto *noético* da mesma fé e o *componente cognoscitivo* essencial da atitude de fé. É sua tarefa, portanto, favorecer um conhecimento, cada vez mais profundo e completo, do mistério de Cristo que é o objeto central da fé. Neste sentido, o papa João Paulo II, em sua *Exortação apostólica Catechesi Tradentae* corrobora dizendo que:

A finalidade da catequese, no conjunto da evangelização, é a de constituir a fase de ensino e de ajudar o amadurecimento, quer dizer, de corresponder

⁶⁷ ALBERICH, 1983, p. 97.

⁶⁸ JOÃO PAULO II. 1979, n. 49.

⁶⁹ Cf. Mt 28, 19-20.

⁷⁰ Cf. 1 Jo. 1,1.

⁷¹ Cf. Jo, 20,31.

⁷² JOÃO PAULO II. 1979, n. 1.

ao período em que o cristão, depois de ter aceitado pela fé a Pessoa de Jesus Cristo como o único Senhor e após ter-lhe dado uma adesão global, por uma sincera conversão do coração, se esforça por melhor conhecer o mesmo Jesus Cristo, ao qual se entregou: conhecer o seu 'mistério', o Reino de Deus que ele anunciou, as exigências e as promessas contidas na sua mensagem evangélica e os caminhos que ele traçou para todos aqueles que o querem seguir.⁷³

É nesta perspectiva que a catequese também pode ser caracterizada como “transmissão dos documentos da fé”.⁷⁴ Competem, pois, à sua missão a introdução à leitura da Sagrada Escritura⁷⁵ e a interiorização do “símbolo” ou “símbolos” da fé,⁷⁶ enquanto fórmulas que resumem a globalidade da fé.

O movimento catequético do nosso século tem insistido fortemente sobre a inadequação de uma catequese que se reduza ao aprendizado de verdades religiosas. E a crítica é justificada, já que, com imensa frequência, a obra catequética tem incidido nesta unilateralidade, desfigurando a fisionomia da mensagem cristã e obtendo como resultado um acolchoado deseducativo de formulações religiosas.⁷⁷

3.1 A CATEQUESE NA MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

O desafio da Igreja é a *evangelização* do mundo de hoje, onde novos ares sopram nas posturas humanas: a emergência da subjetividade, com tendências ao individualismo; o pluralismo religioso e cultural com forte crítica aos dogmatismos; as mudanças de paradigma que não mais se fundamentam nos valores religiosos, mas no “imediatos”, no “útil”; a mentalidade do transitório questionando profundamente a fé histórica e os valores de base. Conforme salienta o Documento de Aparecida,

Um fator determinante dessas mudanças é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas.⁷⁸

⁷³ João Paulo II, 1979, n. 20.

⁷⁴ Mensagem do Sínodo de 1977, n.9.

⁷⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral da Catequese*. Roma: Editora vaticana, 1997. Disponível em : http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html. Acesso em: 20 set 2017, n. 24.

⁷⁶ João Paulo II, 1979, n. 28.

⁷⁷ ALBERICH, 1983, p.103.

⁷⁸ CELAM, 2007, n.34.

Este contexto pede uma evangelização que responda as perguntas de tantos Tomés da atualidade: “Como podemos saber o caminho?”⁷⁹ Jesus nos responde com uma proposta provocadora: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.⁸⁰ Em outra passagem, o evangelista Lucas nos relatou o impacto que a pessoa de Jesus produziu nos *discípulos de Emaús*.⁸¹ O texto aponta para a dimensão da experiência do encontro com Jesus Cristo, no caminho, na Palavra e na Eucaristia. E como esse encontro leva a retomar o caminho e a partilhar com os outros irmãos o que se vivenciou, sua finalidade última é despertar para a missão. O texto não termina no rito gestual de partilha, nem na emoção do encontro ou na celebração, mas relata a mudança de rumo que tomou a vida dos discípulos. O encontro com o Ressuscitado transforma o medo em coragem; a fuga em empolgação; o retorno em nova iniciativa; o egoísmo em partilha e compromisso até a entrega da vida. A catequese coloca-se dentro dessa perspectiva evangelizadora, mostrando uma grande paixão pelo anúncio do Evangelho.⁸² Sem dúvida a catequese é uma das mais vigorosas linguagens para falar de Jesus Cristo. Todavia, já é hora de novos métodos, novas experiências e novos paradigmas. Chegou o momento de passar dos itinerários lineares, voltados para “ensinar doutrinas sobre os sacramentos”, às experiências de seguimento e de discipulado. Não são as ideias de Jesus ou sobre Jesus que salvam. É a sua pessoa que salva.

3.2 CATEQUESE: MENSAGEM E CONTEÚDO

O *Diretório Nacional de Catequese*,⁸³ afirma que na catequese, quando se fala em conteúdo, pensa-se em geral na doutrina e na moral. Essa visão afeta o encaminhamento do processo catequético. Mensagem é comunicação de algo importante. São João Paulo II afirmou enfaticamente:

Quem diz mensagem diz algo mais que doutrina. Quantas doutrinas de fato jamais chegaram a ser mensagem. A mensagem não se limita a propor ideias: ela exige uma resposta, pois é interpelação entre pessoas, entre aquele que propõe e aquele que responde. A mensagem é vida. Cristo anunciou a Boa-Nova, a Salvação e a felicidade: ‘Felizes os pobres no espírito, felizes os mansos, felizes os perseguidos por causa da justiça[...]’,⁸⁴

⁷⁹ Jo, 14,5.

⁸⁰ Jo, 14,6.

⁸¹ Lc, 24,13-35.

⁸² CNBB,2005. n.29.

⁸³ CNBB, 2005, n. 97.

⁸⁴ cf. Sb 2,2; Sl 34,4; Sl 37,11; Mt 5,3-11; Lc 1,53

e ainda: 'Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz [...]'.⁸⁵ As multidões escutavam-no, porque viam nele a esperança e a plenitude da vida.⁸⁶

A catequese deve conduzir ao centro do Evangelho, ao kerigma.⁸⁷ à conversão, ao segmento e à opção por Jesus Cristo que nos revela o Pai, no Espírito Santo (dimensão trinitária). Embora a catequese esteja a serviço do homem em sua situação concreta (dimensão antropológica), ela precisa educar para a vivência do mistério d'Aquele que revelou o homem ao homem, o novo Adão, Jesus Cristo.

Em sua Exortação apostólica *Catechesi Tradentae*, São João Paulo II, afirma que:

O cristocentrismo na catequese significa também que, mediante ela, se deseja transmitir, não já cada um a sua própria doutrina ou então a de um mestre qualquer, mas os ensinamentos de Jesus Cristo, a Verdade que Ele comunica, ou, mais exatamente, a Verdade que Ele é.⁸⁸ Tem que se dizer, portanto, que na catequese é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado — e tudo o resto sempre em relação com Ele; e que somente Cristo ensina; qualquer outro que ensine, fá-lo na medida em que é seu porta-voz, permitindo a Cristo ensinar pela sua boca. A preocupação constante de todo o catequista, seja qual for o nível das suas responsabilidades na Igreja, deve ser a de fazer passar, através do seu ensino e do seu modo de comportar-se, a doutrina e a vida de Jesus Cristo.⁸⁹

Neste mesmo sentido o papa Paulo VI, em sua Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, reforça escrevendo que nunca haverá evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados.⁹⁰ Assim, cabe a catequese abrir ao catequizando o livro da Sagrada Escritura, que tem por centro o Evangelho. Para isso, todo roteiro

⁸⁵ cf. Jo 14,27; 15,11; 1Jo 1,4; 2Ts 3,16; Ef 2,17-18

⁸⁶ Homilia em Porto Alegre em 5.7.1980. In: *Pronunciamentos do Papa no Brasil*; textos apresentados pela CNBB. Petrópolis, Vozes, 1980. n. 539-540.

⁸⁷ O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar.» Ao designar-se como «primeiro» este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos. In FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Documento Pontifício 17. Brasília: Edições CNBB, 2013. n.164. p. 61.

⁸⁸ Cf. Jo. 14, 6.

⁸⁹ JOÃO PAULO II, 1979. n. 6

⁹⁰ PAULO V, 1976. n.22

catequético deverá incluir estímulos e orientações com vista a uma leitura da Bíblia, segundo um plano adequado à idade e às condições culturais do leitor ou leitora.⁹¹

Facilitar o encontro e a experiência com Jesus Cristo como o fundamento da fé, implica também apresentar outros conteúdos de grande relevância para que o catequizando possa ir amadurecendo a fé. O primeiro é o Credo (*traditio Symboli*), nele está o resumo do conteúdo da fé que a Igreja quer transmitir.⁹² Depois a oração do Senhor (o Pai Nosso); a este respeito o *Diretório Nacional de Catequese* destaca que:

Jesus em sua experiência e pregação se refere constantemente ao Pai, que o enviou para uma missão e está todo voltado para Ele: é a vontade do Pai que procura constantemente. [...] Por fidelidade e obediência ao Pai que o enviou e à mensagem que pregou e viveu, Jesus se entregou à morte livremente: torna-se assim o verdadeiro Cordeiro que tira o pecado do mundo. Por isso o Pai o ressuscita, confirma-o Senhor e Filho de Deus e o coloca à sua direita com a plenitude vivificante do Espírito. Assim, Jesus está no centro da proclamação da mensagem catequética , cuja meta final é o Pai: “Eu sou o caminho [...] ; ninguém vai ao Pai ,senão por mim”.⁹³

Dentro desta ampla preocupação de educação e crescimento na fé, a exortação apostólica *Catechesi Tradentae* , apresenta juntamente com o Pai Nosso, a Ave Maria, os Dez Mandamentos e outros textos bíblicos e litúrgicos mais usados.⁹⁴ Um outro aspecto fundamental que cabe à catequese é levar a compreensão da Palavra proclamada e meditada na *Liturgia*, pois esta é fonte inesgotável de catequese. Nela se encontram a ação santificadora de Deus e a expressão orante da fé da comunidade.⁹⁵ O *Diretório Nacional de Catequese*, em virtude dos fatos mencionados destaca que a liturgia, com seu conjunto de sinais, palavras, ritos, em seus diversos significados, requer da catequese uma iniciação gradativa e perseverante para ser compreendida e vivenciada [...]Os sinais litúrgicos são ao mesmo tempo anúncio, lembrança, promessa, pedido e realização, mas só por meio da palavra evangelizadora e catequética esses seus significados tornam-se claros.⁹⁶

A catequese presta uma atenção pedagógica às condições concretas das pessoas e grupos a quem se dirige, e mais do que isso, também alimenta seu

⁹¹ CNBB, 1983, n 88.

⁹² CNBB, 1983,n.89.

⁹³ Jo, 14,6; 12,35.

⁹⁴ CNBB, 1983, n. 92.

⁹⁵ CNBB, 1983, n.89.

⁹⁶ CNBB, 2005, n.120.

conteúdo na história da Igreja, na vida dos santos, no *sensus fidei* do povo cristão,⁹⁷ na religiosidade e devoções populares. De um modo especial, a catequese, em nosso contexto, procura esclarecer como convém, realidades como a ação do homem para sua libertação integral, o empenho na busca de uma sociedade mais solidária e fraternal e a luta pela justiça e pela construção da paz⁹⁸.

Em suma, para qualquer forma de catequese se realizar na sua integridade, é necessário estarem indissolúvelmente unidos:

- o conhecimento da Palavra de Deus;
- a celebração da fé nos sacramentos;
- e a confissão da fé na vida cotidiana⁹⁹.

3.3 NATUREZA DA CATEQUESE

A catequese é, em primeiro lugar, uma *ação eclesial*: a Igreja transmite a fé que ela mesma vive, e a pessoa catequista é uma porta-voz da comunidade e não de uma doutrina.¹⁰⁰ Ela transmite o tesouro da fé (*traditio*) que, uma vez recebido, vivido e crescido no coração da pessoa catequizanda, enriquece a própria Igreja (*redditio*)¹⁰¹. Ela, ao transmitir a fé, gera filhos pela ação do Espírito Santo e os educa maternalmente.¹⁰² A catequese faz parte do ministério da Palavra e do profetismo eclesial. A pessoa catequista é uma autêntica profeta, pois pronuncia a Palavra de Deus, na força do Espírito Santo. Fiel à pedagogia divina, a catequese ilumina e revela o sentido da vida.

A catequese possui algumas características fundamentais: ser um aprendizado dinâmico da vida cristã; uma iniciação integral que favoreça o seguimento de Jesus Cristo e fornecer uma formação de base essencial, centrada naquilo que

⁹⁷ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, n.12.

⁹⁸ PAULO VI, 1976, n. 30-38.

⁹⁹ Cf. CNBB, 1983, n.93.

¹⁰⁰ CNBB, 1983, n.145.

¹⁰¹ No *catecumenato primitivo*, a *traditio* era o rito da *entrega* do Pai-Nosso e do Credo ao catecúmeno, e a *redditio* consistia numa espécie de avaliação, pela qual o catecúmeno demonstra a assimilação do conteúdo da fé. Aqui os dois termos são tomados em seu sentido figurado, conforme se diz no texto; significa também que a Igreja, transmitindo os tesouros de sua mensagem às diversas culturas (*traditio*), enriquece o próprio "depósito da fé" com novas expressões (*redditio*), ou seja, encarna-se nestas culturas .

¹⁰² Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 78-79.

constitui o núcleo da experiência cristã (a fé, a celebração e a vivência da Páscoa de Jesus), lançando os fundamentos do edifício espiritual do cristão¹⁰³.

3.4 FINALIDADE DA CATEQUESE

A finalidade da catequese é aprofundar o primeiro anúncio do Evangelho: levar a pessoa catequizanda a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo, que nos revela o Pai e nos envia o Espírito Santo. Conduz à entrega do coração a Deus, à comunhão com a Igreja, corpo de Cristo,¹⁰⁴ e à participação em sua missão. A dimensão eclesial é essencial a fé cristã:¹⁰⁵ cada pessoa batizada professa individualmente a fé, explicitada no Credo apostólico chamado “Símbolo”, pois manifesta a identidade de nosso compromisso cristão. Mas cada pessoa recebe, professa, alimenta e vive essa fé na Igreja e através dela. Assim se pronuncia a Congregação para o Clero:

O Creio e o Cremos se implicam mutuamente. Ao fundir a sua confissão com a confissão da Igreja, o cristão é incorporado à sua missão: *ser sacramento de Salvação* para a vida do mundo. Quem proclama a profissão de fé assume compromissos que, não poucas vezes, atrairão a perseguição. Na história cristã, os mártires são os anunciadores e as testemunhas por excelência.¹⁰⁶

João Paulo II em sua exortação apostólica *Catechesi Tradentae, acrescenta* dizendo que a finalidade da catequese, no conjunto da evangelização, é a de construir a fase de ensino e de ajuda à maturação da pessoa cristã. Depois de ter aceitado pela fé a Pessoa de Jesus Cristo como único Senhor e após ter-Lhe dado uma adesão global, por uma sincera conversão do coração, se esforça por melhor conhecer o mesmo Jesus Cristo, ao qual se entregou. Conhecer o seu “mistério”, o Reino de Deus que Ele anunciou, as exigências e promessas contidas na sua mensagem evangélica e os caminhos que Ele traçou para todos aqueles que O querem seguir. Se for verdade, portanto, que ser cristão significa dizer “sim” a Jesus Cristo, convém recordar que tal “sim” se situa em dois níveis: consiste, antes de mais, em abandonar-se à Palavra de Deus e apoiar-se nela; mas comporta também, num segundo momento, o esforçar-se por conhecer cada vez melhor o sentido profundo dessa Palavra.¹⁰⁷

¹⁰³ Cf. 1Cor 3,10-18; Is 28, 16; 1 Pd 2,4; 2Cor 6,16.

¹⁰⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 80-81.

¹⁰⁵ CVII, 1997, n. 9.

¹⁰⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 83.

¹⁰⁷ JOÃO PAULO II, 1979,n. 20.

3.5 CATEQUISTA: DISCÍPULO-MISSIONÁRIO

O *Documento de Aparecida* insiste no discipulado, para o qual o encontro com o Cristo Vivo é indispensável: o chamado, que Jesus Mestre faz, implicam uma grande novidade. Jesus convida a nos encontrarmos e criar vínculos com ele, porque ele é a fonte de Vida¹⁰⁸ e só ele tem palavras de vida eterna.¹⁰⁹ Na convivência cotidiana com Jesus e no confronto com os seguidores de outros mestres, os discípulos descobrem duas coisas bem originais: não foram eles que escolheram seu mestre, foi Cristo quem os escolheu;¹¹⁰ e eles não foram convocados para algo, mas para alguém, escolhidos para se vincularem intimamente à Pessoa dele,¹¹¹ e a seu projeto.¹¹²

Discipulado não é ponto de chegada, mas processo: “Ser discípulo é dom destinado a crescer”.¹¹³ Disto decorre que “o acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo, que surge na história e a quem chamamos discípulo. O *Documento de Aparecida* enfatiza que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva.¹¹⁴ Possibilitar a incorporação na comunidade cristã: nela, a catequese vai além do ensino, põe em prática a dinâmica do encontro com Jesus Cristo vivo e da experiência do Evangelho, celebra e alimenta a fé nas celebrações e na liturgia, proporciona formação orgânica e sistemática da fé. Desenvolver o compromisso missionário, inerente à ação do Espírito Santo, para o estabelecimento do Reino de Deus no coração das pessoas, em suas relações interpessoais e na organização da sociedade. Fomentar o diálogo com outras experiências eclesiais (ecumenismo), religiosas (diálogo inter-religioso) e com o mundo, testemunhando a convivência fraterna com o diferente. Despertar o compromisso com a ação sócio-transformadora à luz da Palavra de Deus e dos ensinamentos da Igreja. Por ser educação orgânica e sistemática da fé, a catequese se concentra naquilo que é comum para a pessoa cristã, educa para a vida de comunidade, celebra e testemunha o compromisso com Jesus. Ela exerce, portanto, ao mesmo tempo, as tarefas de iniciação, educação e instrução.¹¹⁵ É um

¹⁰⁸ Cf. Jo, 15,1-5.

¹⁰⁹ Cf. Jo, 6,68.

¹¹⁰ Cf. 15,16.

¹¹¹ Cf. Mc, 1,1-17.

¹¹² Cf. CELAM, 2007, n. 130.

¹¹³ CELAM, 2007, n. 291.

¹¹⁴ CELAM, 2007, n. 243.

¹¹⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 68.

processo de educação gradual e progressivo, respeitando os ritmos de crescimento de cada pessoa. A catequese possui forte *dimensão antropológica*. E, por isso, ela precisa assumir as angústias e esperanças das pessoas, para oferecer-lhes as possibilidades da libertação plena trazida por Jesus Cristo. Nessa perspectiva, as situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da catequese. É importante que sejam interpretadas seriamente, dentro de seu contexto, a partir das experiências vivenciais do povo de Israel, à luz de Cristo e na comunidade eclesial, na qual o Espírito de Cristo ressuscitado vive e opera continuamente.¹¹⁶

3.6 A FORMAÇÃO DO CATEQUISTA

Para SEPE, uma das maiores mudanças que se verificaram dentro da catequese na segunda metade do século XX diz respeito, indubitavelmente, aos agentes da catequese. De uma maioria de sacerdotes e religiosas passou-se a uma quase totalidade de leigos, em sua maior parte mulheres. Esta nova dimensão da catequese – nova se for comparada com a primeira metade do século XX – suscita diversos problemas que reclamam a atenção dos catequistas. Existe, em primeiro lugar, uma grande necessidade de formação de todos estes catequistas. Neste sentido, o *Diretório Geral de Catequese*, corrobora dizendo que:

O momento histórico em que vivemos, com seus valores e contravalores, desafios e mudanças, exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização. Nesse contexto, a formação catequética de homens e mulheres “é prioridade absoluta”. Os recentes documentos da Igreja estimulam a formação inicial e permanente dos seus agentes: “Qualquer atividade pastoral que não conte, para a sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas coloca em risco a sua qualidade”.¹¹⁷

O segundo problema levantado por Sepe, que também diz respeito a formação dos catequistas, leva em conta que hoje não vivemos mais em uma sociedade cristã, mas num mundo fortemente secularizado e pluralista, do ponto de vista cultural e religioso. Portanto, mister se faz, formar através de uma catequese apropriada, pessoas cristãs capazes de viver com autenticidade o próprio testemunho cristão num contexto secularizado e pluralista.

¹¹⁶ Cf. CNBB, 1983. n. 70,116.

¹¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 234.

E por último, porém, não menos importante é a questão da linguagem no campo da catequese, Sepe vê como urgente a adequação de uma linguagem que acompanhe as mudanças culturais das pessoas destinatárias.¹¹⁸ Nesse sentido, parece útil citar João XXIII, que afirmou:

Da renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja em sua integridade e precisão...,o espírito cristão católico e Apostólico do mundo inteiro espera um passo adiante na penetração doutrinal e na formação das consciências. É necessário que esta doutrina respeitada, seja aprofundada e apresentada de modo que corresponda às exigências de nosso tempo. Porque, com efeito, uma coisa é o depósito mesmo da fé, isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a forma na qual são anunciadas, conservando nelas, sem dúvida, o mesmo sentido e a mesma força. Será, pois, necessário atribuir muita importância a esta forma de transmissão e, se for necessário, insistir com paciência em sua elaboração.¹¹⁹

Levando-se em consideração estes aspectos o livro *A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*, preparado com esmero pela Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM), reforça dizendo que no contexto da Nova Evangelização, a formação do catequista procura fazer com que ele seja o mais apto possível para realizar um ato de comunicação; desenvolver atitudes, habilidades e jeitos para comunicar a mensagem evangélica a partir de sua própria experiência de encontro e relação com Jesus.¹²⁰ Por isso, é importante reforçar que a fonte inspiradora da formação de catequistas é Jesus Cristo. É Ele que convida : “Vinde e vede”¹²¹ e propõe maior profundidade, mais audácia no compromisso : “Avança mais para o fundo, e ali lançai vossas redes para a pesca”.¹²² É Ele mesmo que se apresenta como Mestre, Educador e Servidor: “Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros”.¹²³ Todos os catequistas deveriam aplicar a si próprios as palavras do apóstolo Paulo: “Eu aprendi do Senhor isto, que por minha vez vos transmiti”.¹²⁴

¹¹⁸ SEPE, Crescenzo, *A catequese e a Igreja do Futuro. Revista de Catequese*. São Paulo, 1993. n. 61.

¹¹⁹ Discurso de abertura do Concílio Vaticano II, proferido pelo papa João XXIII.

¹²⁰ CELAM,.2015,p. 41.

¹²¹ Jo 1.39.

¹²² Lc 5.4.

¹²³ Jo 13.14

¹²⁴ 1 Cor. 11.23: a palavra «transmitir», empregada nesta passagem pelo apóstolo Paulo, foi repetida com idêntico sentido e frequentemente na Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, para descrever a atividade evangelizadora da Igreja, por exemplo nos n. 4,15,78,79.

3.6.1 As dimensões da formação do catequista

Para que a catequese seja uma atividade da Igreja que *forma discípulos*, exige-se do educador da fé uma preparação doutrinal e pedagógica, maturidade na fé, testemunho de justiça e retidão, capacidade de articular o conteúdo da fé e realidade, síntese entre vida de oração e engajamento, integração da vida em comunidade, vida familiar e profissional; ou seja, uma prática coerente com a Palavra que anuncia.

Havendo descrito as exigências para que a catequese possa formar discípulos, conclui-se que há a necessidade de um novo perfil de catequista, e uma nova formação, na perspectiva iniciática, que começa com uma apresentação adequada do querigma, a fim de favorecer nos catequistas, em primeiro lugar, um verdadeiro encontro com o Ministério de Cristo e sua Pessoa, fortalecendo seu discipulado e sua missão, como suportes do seu ser de catequista.

Esta formação deve ser permanente, atendendo às dimensões fundamentais do seu ser, saber, saber fazer e saber conviver.¹²⁵ A mais profunda se refere ao próprio ser da pessoa catequista, à sua dimensão humana e cristã. A formação, de fato, deve ajudá-la a amadurecer, antes de mais nada, como pessoa, como crente e como apóstolo. Depois, há o que o catequista deve *saber* para cumprir bem a sua tarefa. Esta dimensão, permeada pela dúplice fidelidade à mensagem e ao homem, requer que o catequista conheça adequadamente a mensagem que transmite e, ao mesmo tempo, o destinatário que a recebe, além do contexto social em que vive. Na dimensão do *saber fazer*, a formação tende a fazer do catequista um “educador do homem e da vida do homem”.¹²⁶ Enfim, há a dimensão do *saber conviver*, a formação iniciática e sua inserção numa comunidade eclesial, como discípulo de Jesus, que vive em comunidade e nela pode fazer a experiência e dar testemunho do novo mandamento; também é instado a viver segundo o estilo de vida do Mestre.¹²⁷

3.6.1.1O ser do catequista

O *Diretório Nacional de Catequese*, destaca como perfil do *ser do catequista*, a pessoa que assume seu chamado com entusiasmo e como realização de sua

¹²⁵ CELAM,2015. p. 81.

¹²⁶ Cf. JOÃO PAULO II, 1979, n. 22d.

¹²⁷ CELAM,2015, n.87.

vocação batismal, apresentando assim uma maturidade humana e equilíbrio psicológico; coloca-se na escola do Mestre e faz com Ele uma experiência de vida e de fé; nutre-se da Palavra, da vida de oração, da Eucaristia e da devoção mariana. Fala mais pelo exemplo do que pelas palavras que profere.¹²⁸ Descobre o rosto de Deus nas pessoas, nos pobres, na comunidade, no gesto de justiça e partilha e nas realidades do mundo. É integrado com seu tempo e identifica-se com sua gente. “Olha o mundo com os mesmos olhos com que Jesus contemplava a sociedade de seu tempo”.¹²⁹ Busca, constantemente, cultivar sua formação, prestar atenção nas pessoas e alimentar relacionamentos positivos. Em consonância com o perfil descrito, o papa Francisco dirige-se aos catequistas exortando-os a buscarem um encontro pessoal com Jesus:

No *ser* e na *vocação* de todo cristão está o encontro pessoal com o Senhor. Buscar a Deus é *buscar seu Rosto*, é adentrar sua intimidade. Toda vocação, ainda mais a do catequista, pressupõe uma pergunta: “Mestre, onde vives? Vinde e vereis”. Da qualidade da resposta, da profundidade do encontro surgirá a qualidade de nossa mediação como catequistas. A Igreja é fundamentada nesse *vinde e vereis*. Encontro pessoal e intimidade com o Mestre que fundamentam o verdadeiro discipulado e asseguram à catequese seu sabor genuíno, afastando a espreita sempre atual de racionalismos e ideologizações que roubam nossa vitalidade e esterilizam a Boa- Nova.¹³⁰

Aparecida propõe, como primeiro passo no itinerário do seguimento de Jesus, o encontro pessoal com o Senhor ressuscitado, para que haja uma experiência pessoal e profunda de fé. Não deixa de ser este um dos principais desafios, hoje, para a catequese, a liturgia, as pastorais sociais, os movimentos e demais organismos de Igreja.¹³¹

3.6.1.2 O saber da pessoa catequista

A formação da pessoa catequista requer “um conhecimento adequado da mensagem que transmite e ao mesmo tempo da pessoa interlocutora que a recebe, além do contexto social em que vive”.¹³² Ocasionalmente assim, a conjugação entre teoria e prática. Outro requisito fundamental na formação da pessoa catequista é o

¹²⁸ Cf. CNBB, 1983, n. 146.

¹²⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 16.

¹³⁰ PAPA FRANCISCO. *Saiam em busca de corações*. São Paulo: Ave Maria, 2014. p 20-21.

¹³¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catequese, Caminho para o Discipulado e a Missão. Brasília*: Edições CNBB. 2008, n.37.

¹³² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 238.

conhecimento da Palavra de Deus; segundo o *Diretório Geral para a Catequese* “a Sagrada Escritura deverá ser a alma da formação”.¹³³ A própria Igreja coloca à disposição de seus fiéis documentos que ajudam a aprofundar essa reflexão.¹³⁴ A pessoa catequista precisa ter o conhecimento dos elementos básicos que formam o núcleo de nossa fé; esses conteúdos se referem à fé crida, celebrada, vivida e rezada, e constituem um chamado à educação cristã integral.¹³⁵ A estas *quatro colunas* da exposição da fé que provêm da tradição dos catecismos (o símbolo, os sacramentos, as bem-aventuranças (decálogo) e o Pai-Nosso), deve-se acrescentar a dimensão narrativa da História da Salvação, com suas três etapas, que provêm da Tradição patrística (o Antigo Testamento , a vida de Jesus e a História da Igreja).¹³⁶

Considerando a pluralidade religiosa fortemente presente em nossa sociedade e até nas próprias famílias de catequistas e de pessoas catequizandas, é preciso a educação para o diálogo, com conhecimento sério da própria identidade de fé e respeito pelo sentimento religioso dos outros . Em vista disso, é indiscutível a importância do conhecimento da pluralidade cultural e religiosa, com capacidade para encontrar nela as sementes do Evangelho:¹³⁷ Para o papa Paulo VI, em sua *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*,

A catequese ao mesmo tempo que deve evitar qualquer manipulação de uma cultura, também não pode limitar-se simplesmente à justaposição do Evangelho a esta, de maneira decorativa, mas sim deverá propô-lo de *maneira vital, em profundidade* e isso até as suas raízes, à cultura e às culturas do homem.¹³⁸

A formação do catequista deve estar ancorada em dois pontos importantes: o conhecimento das mudanças que ocorrem na sociedade e o conhecimento da realidade local, seus dramas e alegrias, seus acontecimentos e festas da comunidade.

E por último, porém, não menos importante é o conhecimento dos fundamentos teológicos pastorais, para ser a voz de uma Igreja com rosto

¹³³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n.240.

¹³⁴ Podemos citar: CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*; PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*; CNBB, *Crescer na leitura da Bíblia (2003)*= Estudos da CNBB, *Ler a Bíblia com a Igreja: comentário didático popular da Dei Verbum* (São Paulo, Paulinas/Paulus, 2004).

¹³⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n.122.

¹³⁶ CNBB, 2005, n.130.

¹³⁷ CNBB, 2005, n. 269.

¹³⁸ PAULO VI, 1976, n.20.

misericordioso, profético, ministerial, comunitário, ecumênico, celebrativo e missionário.

3.6.1.3 O saber fazer do catequista

A catequese como ato de comunicação requer do catequista que conheça a linguagem, a pedagogia e outros auxílios que permitam comunicar a mensagem cristã. Esta dimensão implica uma exigência particular em sua formação para que supere a improvisação ou a simples boa vontade. Este campo pertence à pedagogia de Jesus, que a liturgia recolhe sabiamente nos sinais, símbolos, nos gestos, nas palavras, nos rituais e nas narrações. Lembre-se também que a educação da fé passa pela comunicação e ternura: Jesus mostrou relação afetuosa, acolhedora, de misericórdia que permitia às pessoas maior proximidade. As habilidades em comunicação, pedagogia, metodologia exigem um acompanhamento permanente.¹³⁹ A formação do catequista procurará fazer amadurecer nele e nela a capacidade educativa, que implica a faculdade de ter atenção com as pessoas, a habilidade de interpretar e responder à demanda educativa, a iniciativa para ativar processos de aprendizagem e a arte de conduzir um grupo humano para a maturidade. Como acontece em toda arte, o mais importante é que o catequista adquira seu próprio estilo de ministrar a catequese, adaptando à sua personalidade os princípios gerais da pedagogia catequética.¹⁴⁰

A dimensão do saber fazer, implica também que o catequista e a catequista tenham o conhecimento suficiente dos interlocutores, para haver uma sintonia com suas necessidades, sentimentos, situações, cultura, valorizando a experiência que cada pessoa traz. Outro ponto relevante, é levar em conta as ações concretas na comunidade, a memorização, sobretudo das formulações de fé expressas na Bíblia, a criatividade dos catequizandos, a importância do grupo e a comunidade como lugar visível da fé e da vida.¹⁴¹

¹³⁹ CELAM, 2015, n. 86.

¹⁴⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n.244.

¹⁴¹ CNBB, 2005, n.275.

3.6.1.4 O saber conviver do catequista

Para que o catequista possa tornar-se uma pessoa de testemunho e de confiança perante a comunidade, é preciso que seja competente em sua ação catequética. Ser um verdadeiro pedagogo, isto é, introduzir o catequizando na fé por meio da metodologia do acompanhamento, como fez o Mestre Jesus. Nesta trajetória, ora o catequista precisa ser mestre inspirador de como viver, ora um animador que provoca a Palavra, às vezes um facilitador de aprendizagens por meio do uso correto dos documentos da fé, às vezes uma testemunha ou mesmo um mediador que faz descobrir a vida eclesial. Especialmente é capaz de propor experiências de oração, de fraternidade, de celebração, de compromisso, para extrair ensinamentos e marcar com eles a vida pessoal, e construir identidade comunitária da fé.¹⁴² A dimensão do saber conviver do catequista tem a ver com o exercício de contemplar, comover-se e deter-se diante do outro, quantas vezes for necessário; de olhar o outro como próximo. A experiência de conviver implica prudência, capacidade de compreender, a arte de esperar, ter docilidade ao Espírito e infundi-lo no outro, assim como também, a arte de escutar que ajuda a encontrar o gesto e a palavra oportuna para acompanhar num genuíno crescimento e despertar o desejo ideal cristão.

É fácil perceber que propósitos desse porte envolvem conhecimento, comportamento, conceitos, procedimentos, valores e atitudes, que são metas não só do indivíduo espiritual, mas sim, o cidadão como um todo. Por isso, na Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, foram definidos quatro pilares da educação, que deveriam ser a meta para o desenvolvimento educacional em todos os países signatárias de seus documentos. Esses pilares são: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros e aprender a ser. Pode-se perceber que são objetivos que vão muito além da informação ou mesmo do mero desenvolvimento de um conhecimento intelectual. Abarcam toda a formação humana e social da pessoa.

¹⁴² CELAM, 2015. n. 90.

4 O PROCESSO CATEQUÉTICO DE JESUS COMO MODELO DE DISCIPULADO

Este último capítulo, não quer ser um texto isolado. Primeiro, ele se insere no processo de recepção do Documento de Aparecida, que pede um novo paradigma de catequese como uma das grandes conversões pastorais de nossa Igreja.¹⁴³ Naturalmente este integra todas as grandes mudanças que a renovação catequética conquistou, sobretudo no Concílio e pós-concílio.¹⁴⁴ O novo paradigma proposto, seguindo as orientações do *Diretório Geral para a Catequese*,¹⁴⁵ e de *Aparecida*,¹⁴⁶ tem como modelo o processo catequético de Jesus. O Mestre dedicou-se à “educação” do povo rumo ao conhecimento de Deus, à comunhão com Ele e ao ajuste da vida pessoal e social do povo ao Projeto de Deus. O *Documento de Aparecida* também nos convida a “formar discípulos missionários de Jesus Cristo para que nele todos os povos tenham vida”.¹⁴⁷ Esta exortação missionária que Cristo deixou para toda a Igreja há mais de dois mil anos, continua extremamente atual. Estamos atravessando um período histórico muito particular. O progresso técnico nos ofereceu possibilidades inauditas de interação entre as pessoas, mas a globalização dessa relação só será positiva e fará crescer o mundo em humanidade se basear-se não no materialismo e, sim no amor, que é a única realidade capaz de cumular o coração de cada um e de unir as pessoas. Deus é amor. O homem que se esquece de Deus fica sem esperança e é incapaz de amar seu semelhante. Por isso, é urgente testemunhar a presença de Deus, para que cada um possa experimentá-la.¹⁴⁸ Nesse mesmo processo se insere o texto-base da Terceira Semana Brasileira de Catequese, realizada em Indaiatuba (SP), de 07 a 12 de outubro de 2009; com o tema: “Catequese, caminho para o discipulado”, e por lema: “Nosso coração arde quando

¹⁴³ CELAM, 2015, n.38.

¹⁴⁴ Por exemplo, a mudança radical do centro de atenção da catequese teórico-doutrinal para a pessoal-vivendo; mais ainda, assume a Bíblia como texto fundamental, desenvolve a dimensão comunitária, dá grande valor à pessoa do catequista e seu testemunho de vida, integra a catequese no conjunto da pastoral, entre outras conquistas.

¹⁴⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 65-66, 172,178,256.

¹⁴⁶ Cf. CELAM, 2007, n.286-294.

¹⁴⁷ CELAM, 2007, n.1.

¹⁴⁸ BENTO XVI, *mensagem aos jovens na Jornada Mundial da Juventude, Madri/agosto/2011* in FRANCISCO, Papa. *Saiam em busca de corações: mensagens aos catequistas e aos peregrinos*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2014. p.9-10.

ele fala, explica as Escrituras e parte o pão”.¹⁴⁹ O texto aponta para a dimensão da experiência do encontro com Jesus Cristo, no caminho, na Palavra e na Eucaristia. E como esse encontro leva a retornar o caminho e a partilhar com os outros irmãos o que se vivenciou, sua finalidade última é despertar para a missão. Os discípulos, ao realizarem uma experiência nova, o encontro com o Ressuscitado, voltaram pelo mesmo caminho, mas com um horizonte diferente, um novo horizonte, tanto para a vida como para a missão.¹⁵⁰

Em segundo lugar, este capítulo quer realizar-se em estreita relação com a Igreja do Brasil que celebra, no período de 26 de novembro de 2017, Solenidade de Cristo Rei, à 25 de novembro de 2018, o “Ano do Laicato”, com o tema: “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na ‘Igreja em saída’, a serviço do Reino” e o lema : “Sal da Terra e Luz do Mundo”.¹⁵¹ Sal da terra e luz do mundo, na Igreja e na sociedade! Os cristãos leigos e leigas receberam, pelo Batismo e pela Crisma, a graça de serem Igreja e, por isso, a graça de serem sal da terra e luz do mundo. A beleza e o sentido da Igreja vêm expressos na realidade fundada em um só Senhor, em uma só fé, em um só Batismo.¹⁵² Na Igreja, a dignidade de todos está na regeneração em Cristo, na graça comum de filhos e filhas, na vocação comum à perfeição. [...] A Igreja é uma realidade formada por um todo, não segundo a carne, mas o Espírito Santo. No dom do Espírito Santo, nasceram as primeiras comunidades. Elas nasceram pela pregação dos apóstolos e outros discípulos de Jesus. Os Atos dos Apóstolos lembram a pregação realizada em Antioquia, pelos seguidores de Jesus: “E começaram a pregar também aos gregos , anunciando-lhes a Boa-Nova do Senhor Jesus. E a mão do Senhor estava com eles. Muitas pessoas acreditaram na Boa-Nova e se converteram ao Senhor”.¹⁵³ Os que receberam a graça do seguimento tornaram-se; uma Igreja discípula missionária.¹⁵⁴

Este capítulo terá a sua culminância com o estudo do documento 107- *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Aprovado da 55ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ele expressa o caminho que a Igreja no Brasil percorre, iluminada pela Palavra de Deus e pelo

¹⁴⁹ Cf Lc 24,13-35.

¹⁵⁰ CNBB. 2007,n. 2.

¹⁵¹ Mt 5,13-14.

¹⁵² Ef 4,5.

¹⁵³ At 11,20-21.

¹⁵⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo*. Brasília :Edições CNBB. 2016, p.12.

Documento de Aparecida. A Iniciação à Vida Cristã é uma urgência que precisa ser assumida com decisão, coragem e criatividade. Ela renova a vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes evangelizadoras e pastorais.¹⁵⁵ Para a Igreja, impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade operativa de iniciação cristã que, além de marcar o “que”, também dê elementos para o “quem”, o “como” e o “onde” se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados.¹⁵⁶

Sob essas inspirações, este capítulo apresenta um subsídio para nosso grande mutirão catequético, centrado na iniciação cristã e no discipulado missionário, à luz do itinerário dos discípulos de Emaús, no diálogo de Jesus com a mulher samaritana e nas exortações pastorais do papa Francisco; que através de seu livro intitulado *Saiam em busca de corações – mensagens aos catequistas e aos peregrinos*, incentiva a nova geração a espalhar a sabedoria divina de Deus pelo mundo, algo que se faz necessário cada vez mais nos dias de hoje.

4.1 ITINERÁRIO PARA FORMAR DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS NO SEGUIMENTO DA MULHER SAMARITANA E DOS DISCÍPULOS DE EMAÚS

Nos Evangelhos, como nos demais textos do Novo Testamento, há muitos exemplos inspiradores que podem ajudar a perceber os processos de iniciação ao discipulado de Jesus. Podemos recordar alguns: os primeiros chamados,¹⁵⁷ a experiência de Simão Pedro, quando convidado a avançar para águas mais profundas;¹⁵⁸ a narrativa sobre Zaqueu;¹⁵⁹ o caso do jovem rico, seguido do diálogo de Jesus com os discípulos,¹⁶⁰ pode ser lembrado como um caso fracassado de iniciação ao seguimento.¹⁶¹ Porém, vamos chamar a atenção para dois: o texto da Samaritana e a experiência com os discípulos de Emaús. Estes relatos nos mostram como um encontro com Jesus muda a própria vida e atinge outras vidas, porque quem

¹⁵⁵ CELAM, 2007, n. 291 e 294.

¹⁵⁶ CELAM, 2007, n. 287.

¹⁵⁷ Mc 1.16-20.

¹⁵⁸ Lc 5.1-11.

¹⁵⁹ Lc 19.1-10.

¹⁶⁰ Mt 19.16-30.

¹⁶¹ CNBB, 2017, n.12 e 13.

descobre essa presença salvadora não a guarda para si. Vai levá-la a outros.¹⁶² Em ambas narrativas, percebemos um diálogo profundo, fundado na verdade, carregado de esperanças e de promessas, atento aos anseios das pessoas, ao respeito por elas e por suas buscas.

Outro ponto relevante tanto no relato de Emaús, quanto no encontro com a Samaritana é o tema do discipulado; neste sentido, o *Documento de Aparecida* é enfático ao dizer que:

No discipulado, para o qual o encontro com o Cristo Vivo é indispensável: o chamado, que Jesus Mestre faz, implica uma grande novidade. Jesus convida a nos encontrar e criar vínculos com ele, porque ele é fonte de Vida¹⁶³ e só ele tem palavras de vida eterna.¹⁶⁴ Na convivência cotidiana com Jesus e no confronto com os seguidores de outros mestres, os discípulos descobrem duas coisas bem originais: não foram eles que escolheram seu mestre, foi Cristo quem os escolheu,¹⁶⁵ e eles não foram convocados para algo, mas para alguém, escolhidos para se vincularem intimamente à Pessoa dele,¹⁶⁶ e ao seu projeto.¹⁶⁷

Foi assim o encontro de Jesus com a Samaritana e a caminhada feita com os discípulos de Emaús: um modelo da verdadeira iniciação cristã em seu núcleo essencial; de fato, trata-se de um encontro vital com o Senhor, a audição e compreensão de sua palavra, adesão e celebração. Assim diz *Aparecida*: “a iniciação cristã dá a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no seguimento de Cristo. Ela forja a identidade cristã com as convicções fundamentais e acompanha a busca do sentido de vida”.¹⁶⁸

4.1.1 Primeiro passo: O encontro

O relato de Emaús¹⁶⁹ desenvolve o tema do *caminho*. Esta imagem tem um destaque significativo na Bíblia, com um sentido teológico, tanto para o povo do Primeiro Testamento, como do Segundo.¹⁷⁰ Jesus, ao longo do seu ministério, caminha com seus discípulos entre a Galileia, Samaria e Judeia em direção a

¹⁶² CNBB, 2017, n. 13

¹⁶³ Cf Jo 15, 1-5

¹⁶⁴ Cf. Jo 6,68

¹⁶⁵ Cf Jo 15,16

¹⁶⁶ Cf. Mc 1,1-17

¹⁶⁷ CELAM, 2007, n.35

¹⁶⁸ CNBB. 2008,n. 63

¹⁶⁹ Lc 24,13-35

¹⁷⁰ Cf. Ex 3,18; Dt 8,2; Sl 119, 1; Is 2,3; Jr 7,3; Hb 9,8; Mt 7,13-14

Jerusalém.¹⁷¹ O evangelista João em um dos versículos iniciais do capítulo 4, diz que “(...) era preciso passar pela Samaria”¹⁷². A expressão “era preciso”, quando empregada pelos evangelistas, aponta para um desígnio de Deus. Na realidade, havia outros caminhos para chegar à Galileia, evitando a região da Samaria. Mas Deus quer que seu Filho passe por lá, justamente pela região em que viviam os considerados distantes do verdadeiro culto¹⁷³. O papa Francisco lembra aos catequistas que:

O Deus de Jesus revela-se como um Deus próximo e amigo do homem. O *estilo de Jesus se distingue pela proximidade cordial*. Nós, cristãos, aprendemos esse estilo no encontro pessoal com Jesus Cristo vivo, encontro que há de ser permanente empenho de todo discípulo missionário. Transbordante de *gozo* por causa desse encontro, o discípulo busca aproximar-se de todos para compartilhar sua alegria. A missão é relação e, por isso, estende-se por meio da proximidade, da criação de vínculos pessoais sustentados no tempo. O amigo de Jesus faz-se próximo a todos, sai ao encontro promovendo relações interpessoais que suscitem, despertem e acendam o interesse pela verdade. Da amizade com Jesus Cristo surge um novo modo de relação com o próximo, a quem se vê sempre como irmão¹⁷⁴.

O episódio com a Samaritana é um exemplo vivo desta aproximação fraterna: Jesus, cansado da viagem, vai sentar-se junto ao poço. Era meio-dia. Os discípulos tinham ido à cidade providenciar o almoço. Justamente naquela hora, chega uma samaritana para buscar água¹⁷⁵. O “poço”, desde o Antigo Testamento, é um lugar de encontros que suscitam belas experiências de comunhão amorosa. No tempo de Jesus, naquela cultura, era incomum um homem pedir água para beber a uma mulher, mais ainda se samaritana, filha de um povo cuja religiosidade era mal vista. Tudo sugeria adversidade recíproca, pluralismo, diferença, contraste. Mas Jesus se apresentou com sede. Dar de beber era símbolo de acolhimento. A sede de Jesus é o seu desejo de nos ver seguindo seu caminho¹⁷⁶. Assim também, os catequistas como discípulos missionários, precisam ter uma aproximação que quebre todas as barreiras e transponha obstáculos. O papa Francisco corrobora dizendo que muitas vezes nos encontros de catequese, os catequistas correm o risco de apresentarem-se como “professores que sabem”, por enfrentarem o cansaço e a fadiga que debilitam

¹⁷¹ Cf. Mt 4,23-25

¹⁷² Jo 4.4.

¹⁷³ CNBB, 2017, n.15.

¹⁷⁴ PAPA FRANCISCO, 2014. p.79.

¹⁷⁵ Jo 4.6-7.

¹⁷⁶ CNBB, 2017.n.16.

as defesas e endurecem os corações¹⁷⁷. Continua, o santo papa, exortando que os catequistas recordem a bela passagem da Primeira Carta de Paulo aos cristãos de Tessalônica:

Na qualidade de apóstolos de Cristo, poderíamos apresentarmo-nos como pessoas de autoridade. Todavia, nos fizemos discretos no meio de vós. Como a mãe a acariciar os seus filhinhos, assim, em nossa ternura por vós, desejávamos não só comunicar-vos o Evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, porquanto nos sois muito queridos.¹⁷⁸

Neste processo catequético de Jesus, outra passagem muito rica de consequências evangelizadoras é o encontro de Jesus com os discípulos de Emaús. Afirma o texto de Lucas que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio “*Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles*”.¹⁷⁹ A iniciativa é de Jesus. Ele não interrompe o assunto. A atitude de Jesus é caminhar com eles, escutá-los e descobrir sua realidade.¹⁸⁰ Nessa linha São Bento inicia sua regra monástica, que tanto influência teve na vida da Igreja: “Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido de teu coração”.¹⁸¹ São Bento sintetiza, nesse primeiro conselho, toda a sabedoria monástica. A palavra original que ele utiliza em latim é: *obsulta*, que, além de “escutar”, significa: “ausculta”, “examina”, “explora”, “observa”, “reconhece”. Isso é escutar *inclinando o ouvido de nosso coração*, com uma atenção que tudo examina, tudo observa e sabe se abrir a tudo que o Mestre quer lhe dizer para poder entrar em comunhão com Ele.¹⁸² Daí a importância de perceber que o texto de Emaús não é um acontecimento isolado da história, mas uma experiência da comunidade dos que acreditam em Jesus e se colocam no caminho do discipulado. A atitude de Jesus é ir com eles, escutá-los e inteirar-se da situação. Aproximar-se é conhecer e sentir de perto a necessidade do outro.¹⁸³ Não se esqueça, diz o papa:

Como catequista, mais que falar, você deve escutar; está chamado a dialogar. Maria é habilidosa em tudo isso. Ela, como ninguém, tornou-se uma verdadeira ouvinte de Deus e manteve o olhar atento às necessidades dos outros. Que Ela nos ensine a ter os *ouvidos do coração atentos* para podermos ser hoje, discípulos de Jesus e irmãos de todos!¹⁸⁴

¹⁷⁷ Cf. FRANCISCO, 2014, p. 79.

¹⁷⁸ 1 Tessalonicenses 2.7-8.

¹⁷⁹ Cf. Lc 24.15.

¹⁸⁰ CNBB, 2008, n.23.

¹⁸¹ Regra Beneditina, Prólogo. Aqui São Bento, amante da Palavra de Deus, faz alusão ao Salmo 45.11.

¹⁸² FRANCISCO, 2014, p.60.

¹⁸³ CNBB, 2008. n.23.

¹⁸⁴ FRANCISCO, 2014, p.61.

Que dos lábios do discípulo missionário catequista emane a cada novo dia a certeza oracional de que “Ele desperta meus ouvidos para que escute como discípulo. O Senhor Deus abriu-me o ouvido, e eu não relutei, não me esquivei”.¹⁸⁵

4.1.2 Segundo passo: O diálogo

No encontro de Jesus com a Samaritana muitas barreiras estavam presentes: sociais, culturais, religiosas e políticas. Tudo, portanto, sugere mais desencontro que diálogo. O evangelista, porém, quer que o leitor perceba a disposição de Jesus em dialogar com a Samaritana. Para tanto, era preciso superar as distâncias. Então, eis que Ele apresenta àquela mulher “distante” três grandes possibilidades: o dom de Deus, a água viva e quem naquele momento oferece a graça.¹⁸⁶ E o que parecia ser uma cena de muitas suspeitas (um homem e uma mulher; um judeu e uma samaritana; dois desconhecidos próximos de um poço; ela sem nome); torna-se um encontro entre a necessidade humana e a gratuidade de Deus. E o que se afigura como um simples pedido por água para beber, dá início a um impressionante diálogo, em que a “água”, os “maridos” e, por fim, o “culto verdadeiro” a ser prestado a Deus ganham um significado especial.¹⁸⁷ Muitas vezes no processo de evangelização e, sobretudo na catequese, damos respostas sem ouvir as perguntas. Vamos ensinando o que achamos necessário sem ouvir o que está no coração do interlocutor. Evangelização e Catequese são estradas de mão dupla, num diálogo permanente e indispensável, tanto para criar laços como para indicar os procedimentos pedagógicos mais adequados.¹⁸⁸ Sob o mesmo ponto de vista, são as palavras do papa Francisco:

Se há algo que caracteriza a pedagogia catequista e se há algo em que todo catequista deveria ser especialista é em sua capacidade de acolher, de cuidar do outro, de agir para que ninguém fique à margem do caminho. [...] Eu os convido a renovar sua vocação de catequista e aplicar toda a sua criatividade no “saber estar” perto de quem sofre, tornando realidade uma “pedagogia da presença”, na qual a escuta e a proximidade não sejam só um estilo, e sim conteúdo da catequese.¹⁸⁹

A pedagogia de Jesus de interessar-se pelo outro, novamente, é comprovada com os discípulos de Emaús: Jesus se aproxima dos dois discípulos, entra na

¹⁸⁵ Cf. Isaías 50. 4-5.

¹⁸⁶ Jo 4.10.

¹⁸⁷ CNBB, 2017.n. 15 e 18.

¹⁸⁸ CNBB, 2008.n. 30.

¹⁸⁹ FRANCISCO, 2014, p. 34.

conversa; busca o diálogo e se faz de desinformado. Ele quer ouvir as preocupações, angústias, decepções e esperanças. Jesus entra pela porta das preocupações que ocupavam o coração dos discípulos, e pergunta: “*o que andais conversando pelo caminho?*”.¹⁹⁰ A pergunta de Jesus deixa-os surpresos. Os dois estavam abalados com os acontecimentos. Jesus percebeu os sentimentos de dor e desilusão dos caminhantes. Também no hoje de nossa história, o Espírito Santo ajuda a perceber as dores, as angústias e as tristezas dos discípulos e das discípulas do Senhor que, juntamente com toda a criação, geme e sofre ao longo do caminho.¹⁹¹

4.1.3 Terceiro passo: Conhecer Jesus

O ápice do encontro da Samaritana com Jesus se deu na frase plena de significado que ele fala com ela: “Sou eu que estou falando contigo”.¹⁹² Ela, até então, falara do Messias. Agora fala diretamente com Ele, em pessoa. O que antes era esperança mal definida, agora é presença, é pessoa encontrada.¹⁹³ Esse encontro de Jesus com a Samaritana é exemplo perfeito da maneira como Ele se faz conhecer àqueles que o procuram. Ele se faz conhecer progressivamente, como acontece na Iniciação à Vida Cristã.¹⁹⁴ Lentamente, a mulher vai descobrir quem é Jesus. No início do diálogo, Ele era simplesmente um “judeu”,¹⁹⁵ depois ela descobre que é “um profeta”,¹⁹⁶ quando lhe diz que precisamos adorar Deus em espírito e verdade, o próprio Jesus revela que é o “Messias”¹⁹⁷. Com os discípulos de Emaús Jesus se dá a conhecer através do partir do pão. O rito da partilha remete à memória da prática messiânica de Jesus de multiplicar o pão com as multidões famintas¹⁹⁸ e de partir o pão na última ceia¹⁹⁹. É naquela refeição fraterna, na aldeia, que os olhos dos dois caminheiros se abrem e despertam para o discipulado e a missionariedade. Foi a

¹⁹⁰ Lc 24.17.

¹⁹¹ CNBB, 2008.n.27 e 28.

¹⁹² Jo 4.26.

¹⁹³ CNBB, 2017.n.29.

¹⁹⁴ A Iniciação à Vida Cristã significa imersão em uma nova realidade. Essa realidade nova e inesperada à qual ela introduz é o mistério de Cristo Jesus em sua paixão, morte, ressurreição, ascensão, envio do Espírito Santo e retorno glorioso (dimensão cristológica). O mistério de Cristo, entre a ascensão e a parusia, é constituído pela missão do Espírito que o Senhor glorioso envia do Pai sobre a sua comunidade. In. CNBB, 2017.n 88.

¹⁹⁵ Jo 4.9.

¹⁹⁶ Jo 4.19.

¹⁹⁷ CNBB, 2017.n.37.

¹⁹⁸ Cf. Mt 14.13-21; Lc 9 10-17; Mc 6.30-42

¹⁹⁹ Cf. Lc 22.19.

memória do jeito de ser e fazer de Jesus, que permitiu abrir seus olhos e reconhecer a presença viva do Ressuscitado. Para os discípulos, o momento significativo foi o gesto da partilha com eles; a memória foi feita *pelo caminho quando lhes explicava as Escrituras*²⁰⁰ e a Palavra é compreendida a partir da experiência concreta do partir o pão.

Com o propósito de chamar a atenção para o encontro pessoal e vivo na Eucarista, o papa Francisco escreve:

Na celebração do fração do Pão, somos interpelados mais uma vez mais a imitar sua entrega e a renovar o gesto inédito de multiplicar as ações de solidariedade. Desde o banquete eucarístico, a Igreja experimenta a comunhão e é convidada a tornar efetivo o milagre da *proximidade* pelo qual é possível, neste mundo globalizado, dar uma oportunidade ao irmão e fazer que o pobre sintam-se em cada comunidade como em sua casa. O chamado do catequista é para transformar a doutrina em mensagem e a mensagem em vida. Só assim a Palavra proclamada poderá ser celebrada e constituir um verdadeiro sacramento de comunhão.²⁰¹

A catequese começando pela iniciação cristã e chegando a constituir-se em um processo de formação permanente, é caminho de encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que é capaz de mudar nossa vida, levar ao engajamento na comunidade eclesial e ao compromisso missionário. Quem se encontra com ele, põe-se a caminho em direção aos irmãos, à comunidade e à missão. Faz experiência do discipulado, como seguimento do Caminho, pois é neste caminho que Cristo faz o coração arder e o discípulo mergulhar, de modo cada vez mais profundo, nas Escrituras, na liturgia, na teologia, na evangelização e no compromisso pastoral, fruto da experiência do “partir o pão”.²⁰²

4.1.4 Quarto passo: O anúncio

O que significa anunciar? É mais que dizer algo, que contar algo. É mais que ensinar algo. Anunciar é afirmar, gritar, comunicar, é transmitir com toda a vida. É levar ao outro o próprio ato de fé, que, por ser totalizador, se torna gesto, palavra, visita, comunhão.²⁰³ É o que aconteceu com aquela mulher de Samaria. O que ela comunica aos seus resulta de uma experiência viva e pessoal. É interessante ainda

²⁰⁰ Cf. Lc 24.27 ss.

²⁰¹ FRANCISCO, 2014, p. 23.

²⁰² CNBB, 2008, n.6.

²⁰³ FRANCISCO, 2014, p.49.

comparar a mulher com outros discípulos. Ela “diz” às pessoas da cidade: “vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz”.²⁰⁴ Algo muito semelhante dissera André a seu irmão Simão.²⁰⁵ Fora assim também entre Felipe e Natanael.²⁰⁶ Nos três casos, eles e ela se maravilharam com o Senhor e foram comunicar isso a outros. Tal maravilha suscita nela a esperança. “Não será ele o Cristo?”.²⁰⁷ Seu conhecimento acerca daquele “homem” estava apenas no início, mas ela já sentia o desejo de propor a outros a mesma experiência.²⁰⁸ Da mesma forma, o encontro de Jesus com os discípulos de Emaús se deu num clima de diálogo e comunhão fraterna. Explicar as Escrituras e partir o pão os fez retomar o caminho de volta para Jerusalém com nova disposição de vida. Com o coração aquecido, eles se põem a caminho ao encontro dos outros discípulos para contar a alegria do encontro com o Mestre, assumir a missão de formar comunidades e anunciar a boa nova de Jesus Cristo. Os discípulos voltam à comunidade com um novo olhar. Refazem o caminho, agora com espírito novo, com melhor compreensão da missão.²⁰⁹

Esta missão que outrora já havia sido um imperativo de Jesus aos discípulos: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura!”.²¹⁰ Trata-se de um mandato que vale para todos os cristãos, pois todos somos missionários. Insistimos que o anúncio do Evangelho a todos os povos e a todos os âmbitos da vida humana é missão especial dos cristãos leigos e leigas. O decreto conciliar *Ad Gentes* ensina: “Os leigos colaboram na obra de evangelização da Igreja e participam da sua missão salvífica, ao mesmo tempo como testemunhas e como instrumentos vivos”.²¹¹ Enviados por Cristo, em comunhão com os ministros ordenados e as pessoas da vida consagrada, as pessoas cristãs leigas são fermento.²¹² Em consonância com esta mensagem o papa Francisco escreve ao catequistas:

Não esqueçam que vocês, como catequistas, completam a ação missionária da Igreja. Sem uma apresentação sistemática da fé, nosso seguimento do Senhor será incompleto, será difícil demonstrar a fé no que acreditamos, e seremos culpados pelo fato de muitos não amadurecerem sua fé.[...] A catequese deverá, nestes tempos de descrença e indiferença generalizada,

²⁰⁴ Jo 4.29.

²⁰⁵ Jo 1.41.

²⁰⁶ Jo 1.45.

²⁰⁷ Jo 4.30.

²⁰⁸ CNBB, 2017, n.32.

²⁰⁹ CNBB, 2008, n.91.

²¹⁰ Mc 16.15.

²¹¹ COMPÊNDIO DO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*. 3ª ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1968, n. 41.

²¹² CNBB, 2017, n.168.

ter uma forte marca querigmática. Entretanto, não deverá ser apenas querigma; senão, com o tempo, deixará de ser catequese. Deverá gritar e anunciar: Jesus é o Senhor! Todavia deverá também levar, gradual e pedagogicamente, o catecúmeno a conhecer e amar a Deus, a entrar em sua intimidade; iniciá-lo nos sacramentos e na vida do discipulado.²¹³

4.1.5 Quinto passo: O testemunho

Muitos samaritanos “creram em Jesus por causa da palavra da mulher que testemunhava”.²¹⁴ A fé em Jesus nasce de um encontro com Ele. Mas tudo começou com um testemunho. Eles, sedentos, partem e, depois de estar com ele, não querem que se vá: “pediram que permanecesse com eles”.²¹⁵ Tudo muito semelhante ao que ocorrera com os primeiros discípulos: “foram, viram onde morava e permaneceram com ele aquele dia”.²¹⁶ Foi um novo passo, uma resposta de fé, uma nova progressão no caminho do discípulo.²¹⁷ Jesus permaneceu com eles dois dias. “Permanecer” indica continuidade, indispensável na alimentação da fé. Foram dias ricos e belas experiências. Mas o processo não parou aí. O texto diz: “muitos (...) acreditaram (...) por causa da palavra da mulher”.²¹⁸ É a valorização do testemunho e do anúncio. A seguir, porém, a mesma experiência revela motivos mais profundos: “muitos outros ainda creram por causa da palavra dele”.²¹⁹ É o encontro pessoal. Viveram uma experiência pessoal, que é a base da fé e que vai gerar um processo de contínuo crescimento.²²⁰

A mesma experiência pessoal relatada pelo evangelista João, também é testemunhada nos relatos dos Atos dos Apóstolos. O evangelista Lucas narra como a Palavra crescia e se expandia e como eram muitos os que se juntavam aos cristãos inserindo-os nas comunidades,²²¹ a partir do testemunho (“vede como eles se amam!”) e do processo querigmático que levavam ao encontro pessoal com o Ressuscitado. A história mostra que aquelas pequenas comunidades de Roma ²²², Corinto,²²³

²¹³ FRANCISCO, 2014, p.49.

²¹⁴ Jo 4.39.

²¹⁵ Jo 4.40.

²¹⁶ Jo 4.39.

²¹⁷ CNBB, 2017, n.34.

²¹⁸ Jo 4.39.

²¹⁹ Jo 4.41

²²⁰ CNBB, 2017, n.35.

²²¹ Cf. At 5.14.

²²² At 23.11; Rm 7-15.

²²³ At 18.1; 1Cor1.1-9.

Galácia,²²⁴ Éfeso,²²⁵ Tessalônica²²⁶ e Filipos,²²⁷ fizeram que parecia impossível : espalhar o evangelho pelo mundo, mudar o rumo da história . Ser evangelizador, ser catequista, animador de comunidade, de pastorais e movimentos é ser discípulo missionário e partilhar a fé que modificou a própria vida; é orientar o mundo no rumo do Reino de Deus.²²⁸

Frente ao tema *testemunho*, o Papa Francisco alerta:

A catequese, como educação na fé, como transmissão de uma doutrina , exige sempre um apoio testemunhal. Isso é comum a todo cristão, porém no catequista adquire uma dimensão especial, porque se reconhece chamado e convocado pela Igreja para dar testemunho. Testemunha é aquele que , tendo visto algo, quer contá-lo, narrá-lo, comunicá-lo. No catequista, o encontro pessoal com o Senhor dá credibilidade não só a suas palavras, mas dá credibilidade a seu ministério, ao que é e ao que faz . Se o catequista não contemplou o rosto do Verbo feito carne, não merece ser chamado de catequista. Pode até receber o nome de impostor, porque está enganando seus catequizandos.²²⁹

E continua:

E tem mais: vocês são catequistas deste tempo, desta cidade [...]. E, por serem catequistas deste tempo marcado pela crise e pela mudança, *não se envergonhem de propor certezas*. [...] O catequista deve viver como ministério próprio aquilo que diz o evangelista São João: “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco”.²³⁰ Estamos certamente diante de um tempo difícil, de muitas mudanças, que inclusive nos levam a falar de mudança de época. O catequista, diante desse novo e desafiador horizonte cultural, em mais de uma ocasião se sentirá questionado, perplexo, mas nunca abatido [...] Neste momento de encruzilhada histórica e de grande crise, a Igreja precisa da força e da perseverança do catequista, que, com sua fé humilde, mas segura, possa ajudar as novas gerações a dizer como o salmista: “Com meu Deus escalarei qualquer muralha”.²³¹ “Ainda que eu atravessasse o vale escuro, nada temerei, pois estais comigo”.²³²

4.2 INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Animados pela narrativa do encontro de Jesus com a Samaritana, a Igreja, que somos todos nós que o seguimos, é chamada, hoje, a promover um novo encontro luminoso, um novo diálogo, com novos interlocutores, reconhecendo que nos

²²⁴ Gl 1.1-5.

²²⁵ At 18.19; Ef 1.1-2.

²²⁶ At 17.1; 1Ts 1.1.

²²⁷ At 16.11-12.

²²⁸ CNBB, 2008, n. 92.

²²⁹ FRANCISCO, 2014, n. 6.

²³⁰ 1 Jo 4.16.

²³¹ Sl 17[18].30.

²³² Sl 22[23].4.

encontramos em um momento histórico de transformações profundas e de interlocuções novas.²³³ O *Documento de Aparecida* caracteriza este momento como de “*mudança de época*”.²³⁴ Em nosso país essas transformações assumem características comuns que “afetam os critérios de compreensão, os valores mais profundos”,²³⁵ da vida, da família, da sociedade. Nesse cenário de mudança, a Igreja vive e age. Não estamos partindo do zero. Há um passado que pode impulsionar-nos a buscar constantemente novos caminhos, para que cheguemos a viver, com autenticidade e zelo ardente, o seguimento de Jesus, a partilhar com Ele a missão de fazer acontecer o Reino no mundo de hoje.²³⁶ As orientações do *Diretório Geral para a Catequese*²³⁷ e de *Aparecida* consistem em conceber a catequese como um verdadeiro processo de Iniciação à Vida Cristã. Tal processo de iniciação tem no catecumenato²³⁸ primitivo sua fonte de inspiração e um modelo ainda válido, especialmente por seu vigor e caráter mistagógico integrador.²³⁹ Portanto, válido se faz conhecer um pouco mais sobre este catecumenato primitivo. O seu conteúdo era a mesma mensagem do Novo Testamento e dos escritos cristãos mais antigos. No século II, o número de conversões aumentava sempre e muitos batizados se deixavam levar pela heresia, ou se amedrontavam pela perseguição. Foi então que teve início o *catecumenato institucionalizado*, uma das instituições mais eficazes e frutuosas da história da Igreja.²⁴⁰ O catecumenato possibilitava, por meio de um itinerário específico de iniciação, a preparação, prioritariamente de pessoas adultas que tinham manifestado o desejo de assumir a “fé da Igreja”.²⁴¹

Algumas características do *catecumenato*: o primeiro anúncio, a comunicação da fé, o primeiro testemunho e convite a aceitar a Palavra e a conversão eram tarefas

²³³ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Documento Pontifício 17. Brasília: Edições CNBB, 2013. n.52.

²³⁴ CELAM, 2008, n.44.

²³⁵ CNBB. *Diretrizes Gerais Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) 2015-2019*. Documentos da CNBB 102. Brasília: Edições CNBB, 2016, n.21.

²³⁶ CNBB, 2017, n.39.

²³⁷ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, n. 65-66,172,178,256.

²³⁸ *Catecumenato* é o tempo dedicado à catequese e à experiência integral da vida cristã: confissão de fé, celebração, oração e mudança de vida pessoal e social. A catequese é integral, centrada na Palavra de Deus e no conhecimento da história da salvação. A partir da Palavra, o catecúmeno irá descobrir as verdades da fé, a forma de vida segundo o Evangelho, a celebração e oração cristã. É tempo de mudança de vida, por isso não se tem pressa, e pode durar um tempo maior. As celebrações que acompanham esse tempo estão descritas no RICA. A segunda etapa ou grau se dá quando o catecúmeno pede à Igreja para ser admitido aos sacramentos da iniciação e se celebra o rito da eleição. (CELAM, 2015, n. 47).

²³⁹ CELAM, 2015, n. 38.

²⁴⁰ LIMA, 2016, p.27.

²⁴¹ CNBB, 2017, n. 42.

da comunidade, ao passo que a catequese propriamente dita, como ensinamento e instrução, era competência do *catequista*: ele era o *doctor*, ou seja, aquele que sabe e tem capacidade de instruir, ensinar, educar. A partir de determinado momento, o bispo, que presidia a comunidade como sucessor dos apóstolos, instruía oficialmente: era “o catequista”.²⁴²

No III século, o catecumenato alcançou seu máximo vigor e rigor: estava estruturado em quatro tempos: *pré-catecumenato* (primeiro anúncio), *catecumenato propriamente dito* (instrução, catequese, conversão), *iluminação – purificação* (tempo quaresmal-pascal) e *mistagogia* (pós-sacramento).²⁴³

A formação propriamente catecumenal, conforme a mais antiga tradição, realiza-se através da narração das experiências de Deus, particularmente da História da Salvação mediante a *catequese bíblica*. A preparação imediata ao Batismo é feita por meio da *catequese doutrinal*, que explica o *Símbolo Apostólico* e o *Pai-Nosso*, com suas implicações morais. Esse processo é acompanhado de ritos e escrutínios. A etapa que vem depois dos sacramentos de iniciação, mediante a *catequese mistagógica*, ajuda os neobatizados a impregnar-se dos sacramentos e a incorporar-se na comunidade.²⁴⁴

Esse processo catecumenal-catequético compreendia o ensino, liturgia e exercício de transformação de vida (conversão, penitência). Era pela penetração progressiva da Palavra de Deus em sua vida que o catecúmeno caminhava para os sacramentos da noite pascal: *Batismo, Confirmação e Eucaristia*. O mergulho nas águas batismais era o sinal-sacramento de seu mergulho na Morte e Ressurreição de Cristo; do *Batismo*, o catecúmeno saía uma nova criatura; participava do *Banquete Eucarístico* e era ungido com o óleo do santo *Crisma*.²⁴⁵

Como se vê, o catecumenato era a grande estrutura ou instrumento da Igreja primitiva, bastante completo e organizado. De fato, ele tinha presente o anúncio (querigma) e a instrução (catequese) era impregnada pela dimensão litúrgica, através das grandes e pequenas celebrações, a leitura bíblica, os diversos ritos, entre os quais os *escrutínios*, os *exorcismos*, as *entregas*, as orações. Favorecia, sobretudo, a

²⁴² LIMA, 2016, p.27.

²⁴³ Cf. CNBB, 2005, n.46.

²⁴⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1997, n. 89.

²⁴⁵ Cf. CNBB, 2007, n. 46-50.

integração gradual e progressiva na comunidade de fé e a transformação dos costumes pagãos em fervorosa vida cristã.²⁴⁶

4.3 O DECLÍNIO DO CATECUMENATO

O catecumenato, como verdadeiro processo de iniciação cristã, é considerado uma das maiores instituições da Igreja de todos os tempos.²⁴⁷ Seu declínio aconteceu no contexto do que se chamou de cristandade, período em que o imperador Constantino Magno, reconheceu na prática, a força dos cristãos: enriquecidos de mártires, teólogos, ascetas e grandes pastores, constituíam apenas 10% da população mais ativa do mundo então conhecido. E com o *Édito de Milão*, datado em fevereiro de 313, transformou o cristianismo de uma religião perseguida e fora da lei, em uma religião autorizada pelo *Estado*, depois favorecida por ele, e finalmente, em 380, torna-se religião do Estado, com o *Édito de Tessalônica*, por parte de Teodósio Magno. Em 392, o mesmo Teodósio proíbe os cultos pagãos, dando mais força ainda ao cristianismo.²⁴⁸

Logo a sociedade tornou-se cristã, e gradativamente, a transmissão da fé cristã acontecia como herança recebida. As pessoas nasciam em ambiente cristão e iam adotando os comportamentos e as práticas do meio religioso ao qual pertenciam. Era um cristianismo herdado, transmitido como tradição familiar e social.²⁴⁹ Consequentemente, a catequese, ao longo dos séculos, se tornou uma atividade independente dentro da Igreja, reduzida quase exclusivamente à doutrina.²⁵⁰

Aos poucos, na cristandade medieval, os sacramentos da iniciação cristã eram celebrados sem muita relação entre eles. O Batismo de crianças se tornou prática comum, desligando-se de sua relação com a Crisma e a Eucaristia. O estilo pastoral da cristandade influenciou a formação de muitas pessoas. Respondeu aos desafios de seu tempo, em especial, dedicando-se à dimensão doutrinal da catequese. Mas, hoje, o mundo tornou-se diferente, exigindo novos processos para a transmissão da fé e para o discipulado missionário.²⁵¹

²⁴⁶ LIMA, 2016, p. 29.

²⁴⁷ CELAM, 2015, n. 41.

²⁴⁸ LIMA, 2016, p.30 -31.

²⁴⁹ CNBB, 2017, n. 43.

²⁵⁰ CELAM, 2015, n. 41.

²⁵¹ CNBB, 2017, n. 44-46.

4.4 A URGÊNCIA DE UM NOVO PROCESSO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Em um momento de crise, como este do mundo em mudança, somos profundamente questionados. O próprio Senhor nos retira de nossa acomodação e nos chama a responder a esse novo desafio. O Evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores. Mudaram os valores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de hoje.²⁵² Jesus nos convida a sair, a escutar, a servir, em um movimento de transformação missionária de nossa Igreja.²⁵³ Essa atitude exige estarmos atentos aos sinais dos tempos. O processo é de escuta e atenção aos clamores do povo. Voltando-nos assim para a “Samaria” dos nossos dias, como fez Jesus, abrem-se novos espaços, livres, críticos, comunitários e fraternos, onde a fé cristã pode emergir, com uma renovada pertinência, na busca de mais humanidade e de melhor qualidade de vida, com um profetismo especial, que responda às necessidades de nossa realidade.²⁵⁴

A Igreja hoje quer retornar a íntima união entre catequese, compreendida como ensino e doutrina, e a liturgia, com a riqueza de seus ritos e dimensão celebrativa, que hoje a Igreja propõe resgatar e revalorizar, naturalmente adaptando-se ao nosso mundo de hoje, sobretudo à mudança e época que vivemos.²⁵⁵

4.4.1 A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã

A Exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, colocando a catequese no âmbito da missão da Igreja, recorda que a evangelização é uma realidade rica, complexa e dinâmica, que compreende “momentos” essenciais e diferentes entre si. E acrescenta que a catequese é um desses “momentos” de todo o processo de evangelização.²⁵⁶

O “momento” da catequese é aquele que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para aquela primeira adesão. Os convertidos, mediante um ensinamento e um aprendizado devidamente prolongado no decorrer de toda a vida cristã, são iniciados no mistério da salvação e

²⁵² COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Gaudium et Spes*. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1968. n.1.

²⁵³ FRANCISCO, 2013, n.19-49.

²⁵⁴ CNBB, 2017, n. 51.

²⁵⁵ LIMA, 2016, p. 32.

²⁵⁶ Cf. JOÃO PAULO II, 1979, n. 18.

num estilo de vida evangélico. Trata-se de iniciá-los na plenitude da vida cristã.²⁵⁷ A *iniciação* possui uma raiz antiquíssima nas culturas humanas. Elas a valorizavam muito, sobretudo nos ritos de passagem e pertença (batismo, circuncisão, ablação, casamento, desafios perigosos, etc), com destaque para a entrada na vida adulta. Nossa sociedade perdeu, quase por completo, esse elemento cultural, permanecendo alguns resquícios (festa das debutantes, rituais de acolhida em certos grupos, o recebimento dos calouros...) [...]. A iniciação consistia num processo a ser percorrido com metas, exercícios e ritos. Considerada como parte da iniciação cristã, a catequese não é uma supérflua introdução na fé, um verniz ou um cursinho de admissão à Igreja. É um processo exigente, um itinerário prolongado de preparação e compreensão vital, de acolhimento dos grandes segredos da fé (mistérios), da vida nova revelada em Cristo Jesus e celebrada na liturgia.²⁵⁸

Aparecida reitera que:

Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora. Impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer modalidade de iniciação cristã, que além de marcar o quê, também dê elementos para o quem, o como e o onde se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados.²⁵⁹

Para tanto, toda catequese deve inspirar-se no modelo catecumenal, como afirma o Diretório Geral para a Catequese.²⁶⁰ Para uma compreensão mais clara do caminho de iniciação à vida cristã que tem o catecumenato como modelo, é necessário voltar para o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*.²⁶¹ O Ritual apresenta um caminho litúrgico-sacramental e, por sua vez, indica que cada tempo do itinerário se desenvolve criativamente o processo catequético para o crescimento e amadurecimento na fé que habilita ao sacramento. Esta proposta de itinerário está bem articulada e tem como finalidade aprofundar a fé daqueles que aceitaram seguir a Jesus Cristo, e levá-la à maturidade no seguimento e na comunidade eclesial. Os sinais litúrgicos, por obra do Espírito, tocam o coração e o ser humano mais que as palavras.²⁶²

²⁵⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1971, n.63.

²⁵⁸ CNBB,2005, n. 37.

²⁵⁹ CELAM,2007, n. 287.

²⁶⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1971, n. 90-91.

²⁶¹ Cf. CELAM, 2007, n.293.

²⁶² CELAM, 2015, n. 44.

5 CONCLUSÃO

“Vós mesmos, dai-lhes de comer”.²⁶³ Com esta exortação, Jesus manifesta a certeza de que em seus discípulos encontrava-se a solução para aquela situação que inspirou nele compaixão. Porém, diante das incertezas dos discípulos, ele começa um processo catequético, envolvendo a participação dos mesmos, a qual resultou na saciedade daquela multidão faminta que os acompanhava.²⁶⁴ À multidão faminta ele oferece mais do que o alívio da fome. Entrega-se a si mesmo como a vida em abundância.²⁶⁵ Hoje, as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, desafiam a todos nós cristãos a um compromisso maior a favor da cultura da vida.²⁶⁶ Dado o exposto, este Trabalho Final de Mestrado Profissional, através de estudo bíblico e bibliográfico, expressa o desejo de reforçar a formação cristã dos fiéis em geral, e dos catequistas e das catequistas, em particular. Possibilitando um material de estudo e um subsídio que auxilie numa aprendizagem eminentemente pastoral e sapiencial ligada a uma metodologia onde Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências.²⁶⁷

Com o propósito de apresentar os principais Documentos da Igreja destinados à catequese, o primeiro capítulo começou com uma abordagem histórica da catequese não somente para analisar sua origem, significado e evolução de sua concepção ao longo dos tempos, mas também para mostrar sua presença sempre valorizada e diversificada na vida da Igreja.²⁶⁸ Em continuidade, foram apresentados os principais Documentos que oferecem à Catequese orientações para desenvolvê-la, procurando assim responder às necessidades de nossas comunidades e ao ensino da Igreja. O papa Francisco, em sua Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* orienta que:

A Igreja, que é discípula missionária, tem necessidade de crescer na sua interpretação da Palavra revelada e na sua compreensão da verdade. [...] Além disso, dentro da Igreja, há inúmeras questões à volta das quais se indaga e reflete com grande liberdade. As diversas linhas de pensamento

²⁶³ Mc 6.37 e Lc 9.13.

²⁶⁴ Mc 6.34-36 e Lc 9.11-12.

²⁶⁵ Jo 10.10b.

²⁶⁶ Cf. CELAM, 2007, n. 358, p.165.

²⁶⁷ Cf. CELAM, 2007, n.14, p. 15.

²⁶⁸ Lima, 2016, p.15.

filosófico, teológico e pastoral, se se deixam harmonizar pelo Espírito, no respeito e no amor, podem fazer crescer a Igreja, enquanto ajudam a explicar melhor o tesouro riquíssimo da Palavra.²⁶⁹

Portanto, o conhecimento e a aplicação das orientações dadas pelos Documentos, precisam ser efetivadas por todos os enviados a anunciar o Evangelho do Reino da vida.

Se o primeiro capítulo possibilitou um conhecimento mais aprofundado dos principais documentos conciliares e no seu impacto posterior até nossos dias. O segundo capítulo, por um lado, destinou-se exclusivamente à catequese. Foram oferecidos alguns critérios de iluminação sobre a mesma, tais como, sua terminologia, sua missão evangelizadora, seu conteúdo, sua mensagem, sua natureza e finalidade. Nestes critérios, o *querigma* é o fio condutor de todo processo catequético que tem como finalidade principal levar a pessoa ao encontro com Jesus Cristo vivo. Deste encontro nasce o entusiasmo missionário da pessoa.²⁷⁰ O desenvolvimento deste capítulo, deu-se também no sentido de apresentar o catequista e a catequista, como discípulos missionários comprometidos com a libertação integral do ser humano, centrada na Palavra de Deus e com uma clara opção pelos pobres. Neste sentido, entendemos que, fazer discípulos é um processo dinâmico, pois o discipulado requer um tempo de aprendizagem, que inclua uma experiência concreta de adesão a Jesus, seguimento, inserção na comunidade, partilha das alegrias, dores e esperanças, enfim, busca e acolhida de novos discípulos e compromisso missionário.²⁷¹ Tendo em vista este novo paradigma de catequista, o texto apresentou uma formação focada nas dimensões de seu ser, saber, saber fazer e saber conviver.

O terceiro e último capítulo reforça os temas do discipulado, tendo o processo catequético de Jesus como modelo, e a iniciação à vida cristã, com seu novo paradigma catecumenal. Os textos bíblicos escolhidos como itinerário inspirador para todas as atividades foram tirados do Evangelho de São Lucas 24.13-35. Trata-se da sugestiva passagem, que relata a experiência dos “*Discípulos de Emaús*” e do Evangelho de São João 4.5-42, o encontro de Jesus com a *mulher samaritana*. Em cada passo, buscou refletir e contextualizar os textos bíblicos para o contexto da ação catequética em sua própria ação evangelizadora. E concluindo todo este processo metodológico de ação catequética, o terceiro capítulo resgatou o tema da Iniciação à

²⁶⁹ FRANCISCO, 2013, n.40.

²⁷⁰ CELAM, 2015, p.10.

²⁷¹ CNBB, 2008, n. 96.

Vida Cristã, com seus avanços e recuos, destacando a necessidade de um novo processo de Iniciação à Vida Cristã e do comprometimento da catequese de ser uma educação da fé permanente, desafiando-se, constantemente, em educar para a vivência de uma fé comprometida com as urgentes mudanças da nossa sociedade, tendo presente o princípio da interação fé/vida.

REFERÊNCIAS

ALBERICH, Emílio. *A catequese na Igreja de hoje*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.

BENTO XVI, *mensagem aos jovens na Jornada Mundial da Juventude*, Madri/agosto/2011 in FRANCISCO, Papa. *Saiam em busca de corações: mensagens aos catequistas e aos peregrinos*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2014.

BÍBLIA. Português. CNBB. 2002. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Bíblia Sagrada: tradução da CNBB com introduções e notas. São Paulo, SP: Ave Maria, 2002.

BULA do Papa Urbano VIII, “Commissum Nobis”, de 22 de Abril de 1639, sobre a Liberdade dos Índios da América”. In: Serafim Leite S.I. História da Companhia de Jesus. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006. Vol. 6

CANSI, Bernardo. *Vamos conhecer e amar a catequese*. Petrópolis, RJ: Vozes , 1994.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição Dogmática Gaudium et Spes*. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1968. n.1.

_____. *Decreto Ad Gentes*. 3ª ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1968, n. 41.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO (CELAM). *A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*. Brasília: Edições CNBB, 2015. n. 81.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Documentos da CNBB 107. Brasília: Edições CNBB, 2017, n.88.

_____. *Diretrizes Gerais Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE} 2015-2019*. Documentos da CNBB 102. Brasília: Edições CNBB, 2016, n.21.

_____. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo*. Brasília :Edições CNBB. 2016.

_____. *Catequese, Caminho para o Discipulado e a Missão*. Brasília: Edições CNBB. 2008, n.37.

_____. *Diretório Nacional de Catequese*. 9ª Edição SP: Paulinas, 2007. n. 68.

_____. *Diretório Nacional de Catequese*. 9ª Edição SP: Paulinas, 2007.

_____. *Diretório Nacional de Catequese*. 9ª Edição SP: Paulinas, 2005.

_____. *Catequese Renovada*. São Paulo: Paulinas, 1983. n. 30

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral da Catequese*. Roma: Editora vaticana, 1997. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccath_educ_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html>. Acesso em: 20 set 2017, n. 24.

_____. *Diretório Catequético Geral*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1971, n. 21 a,b.

_____. *Diretório Catequético Geral*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1971, n. 9

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e Caribe. 13 a 31 de maio de 2007. São Paulo: Paulus, 2007. n. 168.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 12.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Documento Pontifício 17. Brasília: Edições CNBB, 2013. n. 164.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Documento Pontifício 17. Brasília: Edições CNBB, 2013. n. 52.

FUNDAÇÃO YOUCAT. *Catecismo Jovem da Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 2011.

JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica*. 11ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2001. n. 11-12

_____. *Catequesi Tradendae*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html>. Acesso em: 14 de nov 2017.

LIMA, Luiz Alves de. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2016.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Catequese católica no Brasil: para uma história da evangelização*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

NOLÊTO, Flávio Pereira. A pedagogia da catequese nos documentos da Igreja e nas metodologias atuais. *Revista de Magistro de Filosofia* Ano VIII n. 16 – 2015/2. p.1. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2015/08/A-pedagogia-da-catequese-nos-documentos-da-Igreja-e-nas-metodologias.pdf>>. Acesso em: 11 de novembro de 2017

OLIVEIRA, Vilson Dias. A formação dos catequistas. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/4333163-Dom-vilson-dias-de-oliveira-dc-bispo-diocesano-de-limeira.html>>. Acesso em: 10 nov 2017.

PAPA FRANCISCO. *Saiam em busca de corações*. São Paulo: Ave Maria, 2014. p 20-21.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi : exortação apostólica pós-sinodal*. São Paulo: Paulinas, 1975.

PRONUNCIAMENTOS do Papa no Brasil; textos apresentados pela CNBB. Petrópolis, Vozes, 1980. n. 539-540.

SEPE, Crescenzo, *A catequese e a Igreja do Futuro*. *Revista de Catequese*. São Paulo, 1993. n. 61.